

issn: 1645-006X

# POLITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa

Ano VII • Nº 16 • Setembro de 2007



**Artes  
Cénicas**

# 8

O encenador Jorge Listopad, fundador da Escola Superior de Teatro e Cinema, é o protagonista desta edição da *Politecnia*. Nascido em Praga, então capital da Checoslováquia, em 1921, conserva aos 86 anos o mesmo interesse pelas disciplinas do teatro, a escrita em prosa e a poesia. Ainda sonha com uma viagem de aventura e descoberta à Austrália.



# 27



Antiga aluna da Escola Superior de Teatro e Cinema, Eunice Gomes é uma estrela ascendente do fabuloso mundo da ilustração. Influenciada por Tolkien, considera-se uma artista conceptual. Mulher dos sete ofícios, reparte a sua actividade pela ilustração, a produção de cenários e figurinos e construção de maquetes.

Os amigos e admiradores consideram-na a nova princesa dos Elfos, evidenciando nela o talento e as semelhanças fisionómicas da actriz que desempenha o papel no cinema.



# 46



Seguindo as recomendações do Conselho Europeu de Ressuscitação, a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa está a organizar cursos que ensinam a socorrer pessoas vítimas de paragem cardíaca. Estudantes dos cursos de medicina e funcionários de empresas de segurança figuram entre os alunos mais empenhados na aprendizagem. A ESTeSL contribuiu assim para estreitar os laços entre o ensino superior e a comunidade envolvente. A iniciativa está a ter um grande sucesso.

# 51

Professores e investigadores do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa estão a desenvolver uma nova plataforma para a gestão do sistema de transporte intermodais de mercadorias. O projecto encontra-se em fase de testes, sendo já usado como plataforma tecnológica de treino para os finalistas da licenciatura de engenharia eléctrica e de computadores.



## Sumário

5

[Parar Para Pensar](#)

*L. M. Vicente Ferreira*

6

[Destaques](#)

IPL obtém Certificado de Qualidade

8

[O Protagonista](#)

Perfil de Jorge Listopad

*Vanessa de Sousa Glória*

16

[Prémio Internacional](#)

*Publicitários* premiados em Cannes

17

[Para Reflectir](#)

Os estudantes e as cantinas

*Cláudia Viegas*

23

[Profissão](#)

Eldevina Materula: oboísta

*Bárbara Gabriel*

27

[Belas Artes](#)

A (outra) Princesa Elfos

*Paulo Silveiro*

33

[Novo e Interessante](#)

O criador de marionetas

*Jorge Silva*

38

[A Grande Entrevista](#)

Teresa Martins e os SAS

*Paulo Silveiro*

43

[Histórias de Sucesso](#)

O furacão Nicenergie

*Vanessa de Sousa Glória*

46

[O Acontecimento](#)

Aprender a salvar vidas

*Paulo Silveiro*

51

[Em Foco](#)

O ISEL e a gestão de tráfego

*António Serrador, Ricardo Prata,  
João Assunção e Luís Osório*

55

[Vocações & Afectos](#)

Karen Jardel, jornalista

*Jorge Silva*

57

[Mala Diplomática](#)

63

[Estante](#)

66

[Tribuna Livre](#)

*António Belo*

# O acesso ao Ensino Superior e o desinvestimento no seu financiamento

A PRIMEIRA fase do concurso nacional de acesso de 2007 apresenta resultados altamente satisfatórios, com um aumento de cerca de 7000 novos candidatos, a que correspondeu 25% de crescimento para os politécnicos, 17% de crescimento para as universidades e um crescimento médio nacional de 20%.

O Instituto Politécnico de Lisboa, acompanhando esta nova realidade social de aumento do número de candidatos para o ensino superior, apresentou um crescimento de 50%, quando comparamos com a 1ª fase de 2006, e de cerca de 20% quando comparamos com o total de alunos de 2006. Este facto é tanto mais relevante, porquanto representa a consolidação de uma tendência que já se tinha consubstanciado no ano passado, com um crescimento de 15% no conjunto das duas fases.

A expressividade do crescimento do Instituto Politécnico de Lisboa, que representa o dobro da média nacional para o ensino politécnico, é indissociável de uma política sustentada do aumento da qualidade do projecto educativo de cada uma das escolas que formam o IPL.

De facto, os últimos investimentos em infra-estruturas, formação em pós-graduações e projectos de investigação, entre outros, permitiram um alto nível de desenvolvimento da instituição quer no que respeita aos aspectos pedagógicos com introdução de novos equipamentos e tecnologias, quer ainda no que respeita ao desenvolvimento científico na qualificação do corpo docente.

A adequação dos cursos a Bolonha, que no ano passado tinha sido, a nosso ver, um dos principais factores para o crescimento



foto de Sofia Gomes

L. M. Vicente Ferreira

*A expressividade do crescimento do Instituto Politécnico de Lisboa, que representa o dobro da média nacional para o ensino politécnico, é indissociável de uma política sustentada do aumento da qualidade do projecto educativo de cada uma das escolas que formam o IPL*

verificado, teve este ano, mais uma vez, um papel fulcral neste crescimento. A aprovação dos mestRADOS, apesar do enorme atraso que se verificou na sua apreciação por parte da tutela, trouxe para o Instituto Politécnico de Lisboa uma mais valia que influenciou claramente a escolha dos novos alunos na candidatura de 2007.

Contudo, e apesar do crescimento de alunos dos dois últimos anos, constatamos que o Orçamento de Estado, transferido para o Instituto Politécnico de Lisboa, não acompanhou nem traduz, de modo algum, este crescimento.

É que, o aumento de 2% para

as verbas do Orçamento de Estado de 2008, não compensou a degradação orçamental a que estivemos sujeitos nos últimos anos, e que em 2008 mais uma vez será agravada pela inflação e pelo aumento da massa salarial sem qualquer compensação adicional. Assim, o montante global da verba do orçamento transferida para o Instituto Politécnico de Lisboa tem, em termos reais e de forma gradativa, acumulado uma erosão de desinvestimento que atingiu valores alarmantes.

Esta situação merece a nossa maior preocupação porque pode pôr em risco este projecto educativo. Juntando ao orçamento privativo as verbas do Orçamento de Estado distribuídas às unidades orgânicas, cujo critério de distribuição utilizou a mesma fórmula aplicada pelo próprio Ministério, verifica-se que para duas das nossas escolas as verbas disponíveis não suportam sequer o pagamento de salários. Para as restantes, verifica-se que, na maioria dos casos, pagando os salários os valores residuais não suportam sequer as despesas mínimas de funcionamento.

Esta depreciação sistematizada do orçamento de estado, que nos últimos anos tem afectado o Instituto Politécnico de Lisboa e a maioria, senão a totalidade, das instituições de ensino superior, é gravíssima, porque prejudica e desmotiva uma aposta forte num ensino superior de qualidade que enfrente o grande desafio europeu. Este é um aspecto fundamental que se coloca às instituições nacionais de ensino superior, num momento em que cada vez mais se exige que ele compita no espaço global com padrões de qualidade internacionais de alto nível e que apenas se conseguem com investimento adequado.

## Escola Superior de Educação debate violência no ensino



Daniel Sampaio e Javier Urra durante o debate organizado pela Escola Superior de Educação de Lisboa

O TEMA da violência nas escolas do ensino secundário foi o tema central da intervenção do psicólogo espanhol Javier Urrea, que se deslocou a Lisboa para participar numa conferência organizada pela Escola Superior de Educação de Lisboa. O pedagogo espanhol, autor do livro o “Pequeno Ditador”, considerado já uma obra de referência no campo da formação educacional das crianças problemáticas, explicou que não se trata de um fenómeno isolado ou de um só país.

O debate que se seguiu – e em que participou activamente, com inestimáveis contributos, um outro grande especialista na matéria, o psiquiatra português Daniel Sampaio – demorou-se na análise do comportamento dos professores. Ouviram-se interessantes testemunhos de professores que enfrentam sérias dificuldades em controlar as turmas e relatos de humilhações e maus-tratos entre alunos.

No final, conclui-se que esta nova realidade, invisível, não pode ficar fechada entre quatro paredes e que é necessário enfrentar o pro-

blema. Outros testemunhos asseguram, ainda, que os pais são também vítimas da violência dos filhos, dentro das suas próprias casas, já tendo sido detectados casos de filhos que batem nos pais.

Alguns destes jovens agressivos são crianças mimadas, sem limites, a quem tudo se consente, que interferem no modo a vida familiar, dando ordens aos pais e chantageiam quem os tenta controlar. Da violência à delinquência e ao roubo o caminho, por vezes, é curto. Estas crianças transformam-

se muitas vezes em jovens agressivos, que enganam, ridicularizam os maiores ou não hesitam em roubar a carteira da mãe. Os adolescentes desenvolvem, assim, condutas violentas e marginais, impondo a sua própria lei.

Para os dois especialistas, é preciso educar no respeito e afecto, transmitir valores, falar com as crianças, ouvi-las, ensiná-las a aceitar as frustrações, impor limites e exercer a autoridade sem medo. E recorrendo, sempre que necessário, a ajuda especializada.

### Dois grandes mestres

Daniel Sampaio, irmão do ex-Presidente da República, Jorge Sampaio, nasceu em Lisboa em 1946 e passou a infância em Sintra. Licenciado em medicina pela Faculdade de Medicina de Lisboa, é doutorado em Psiquiatria e professor daquela faculdade.

Coordenador do Núcleo de Estudos do Suicídio do Hospital de Santa Maria, foi um dos responsáveis pela introdução em Portugal da terapia familiar.

Javier Urrea é psicólogo clínico, pedagogo e terapeuta. A sua vasta experiência inclui uma passagem pelo Centro de Reabilitação de Cuenca onde, durante três anos, trabalhou com jovens conflituosos.

Actualmente é professor de Psicologia na Universidade de Complutense de Madrid e vice-presidente da Associação Ibero-Americana de Psicologia Jurídica. É, ainda, assessor e patrono da UNICEF.

## Morreu Simões Gomes



O PRIMEIRO editor da revista *Politecnia*, Luís Simões Gomes, faleceu dia 31 de Julho na sua residência de Caldas da Rainha, com a idade de 61 anos, vítima de ataque cardíaco. Era natural da Batalha, onde nasceu a 2 de Outubro de 1945.

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa foi, durante vários anos, professor do ensino secundário e funcionário da Direcção Regional da Educação de Lisboa. No início dos anos 90 tornou-se professor da Escola de Dança do Conservatório Nacional, leccionando uma vez mais História.

Nomeado Director de Serviços do Instituto Politécnico de Lisboa, em Maio de 2000, aqui se manteve até à data da sua aposentação, em Julho de 2005. Em Janeiro do ano seguinte recebeu das mãos do presidente, Vicente Ferreira, a Medalha de Emérito.

Simões Gomes foi o principal impulsionador deste projecto editorial, que arrancou em Novembro de 2000 e que dirigiu até à sua aposentação. Homem comunicativo e afável, apaixonado pela fotografia, deixa um rasto de saudade entre todos os que com ele trabalharam e conviveram.

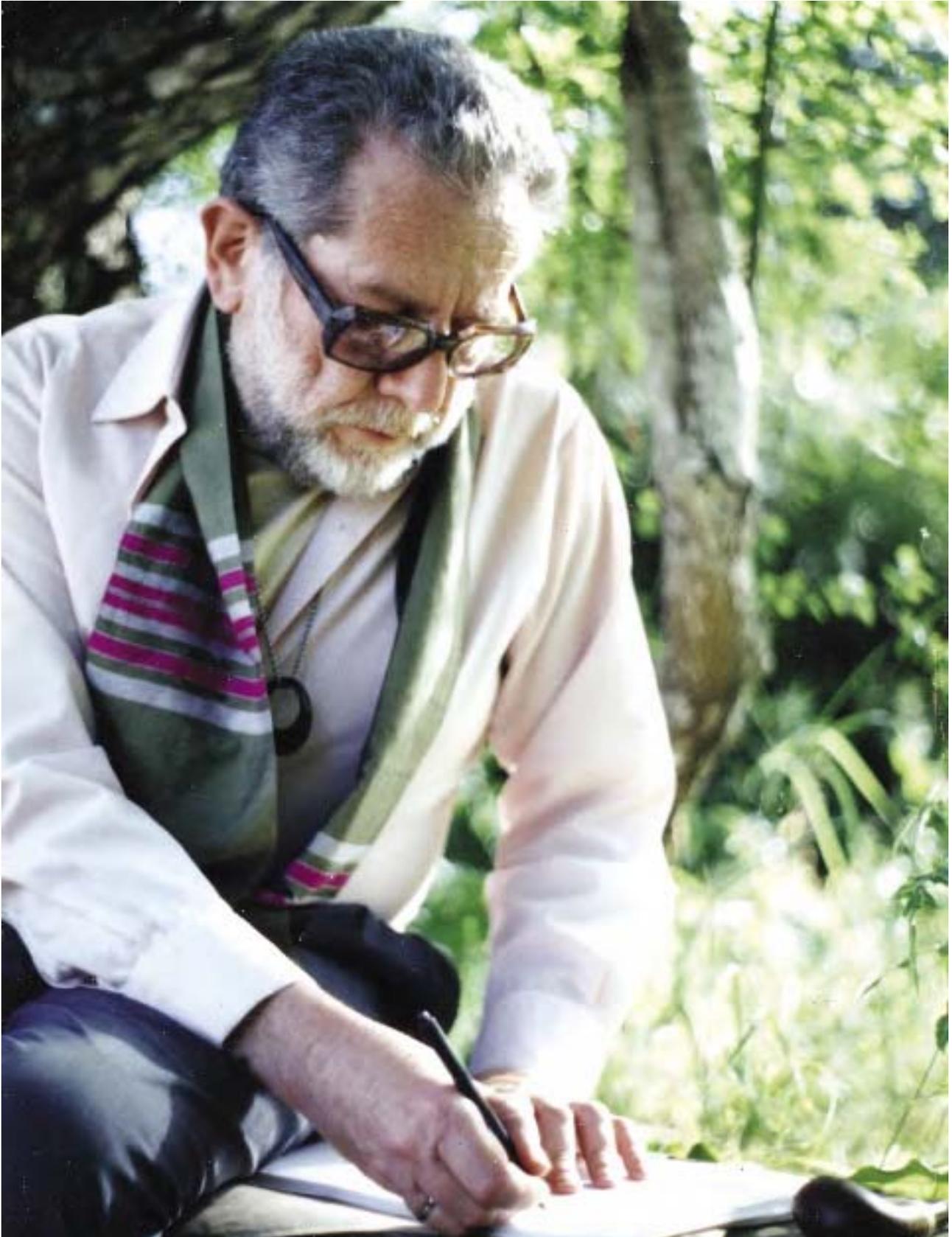
À família enlutada, a *Politecnia* apresenta sentidas condolências.

## Certificação de Qualidade atribuída ao Politécnico de Lisboa



OS SERVIÇOS Centrais do Instituto Politécnico de Lisboa acabam de obter a Classificação ISO (**INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION**), concedida ao seu Sistema de Gestão de Qualidade. A classificação ISO é instituída pela Organização Internacional para Padronização, sediada em Genebra, que congrega as instituições de padronização e normalização de 158 países. Os auditores da ECA – CERT, entidade independente portuguesa credenciada para atribuir a Certificação de Qualidade, deslocaram-se expressamente às instalações dos Serviços Centrais, na Estrada de Benfica, para observar e avaliar os processos e procedimentos do sistema em vigor, tendo concluído estarem eles em total conformidade com as exigências da norma NP EN ISO 9001:2000. A certificação, que vigorará por um período de três anos – até que nova avaliação seja feita – estende o reconhecimento de qualidade à “representação nacional e internacional das actividades desenvolvidas pelo Instituto”. Antecedida de um programa de formação e aperfeiçoamento de quadros, esta certificação premeia todo o esforço desenvolvido pela instituição.

Luso-checo, encenador, 86 anos de idade



## Jorge Listopad

### O intelectual que saíu do frio

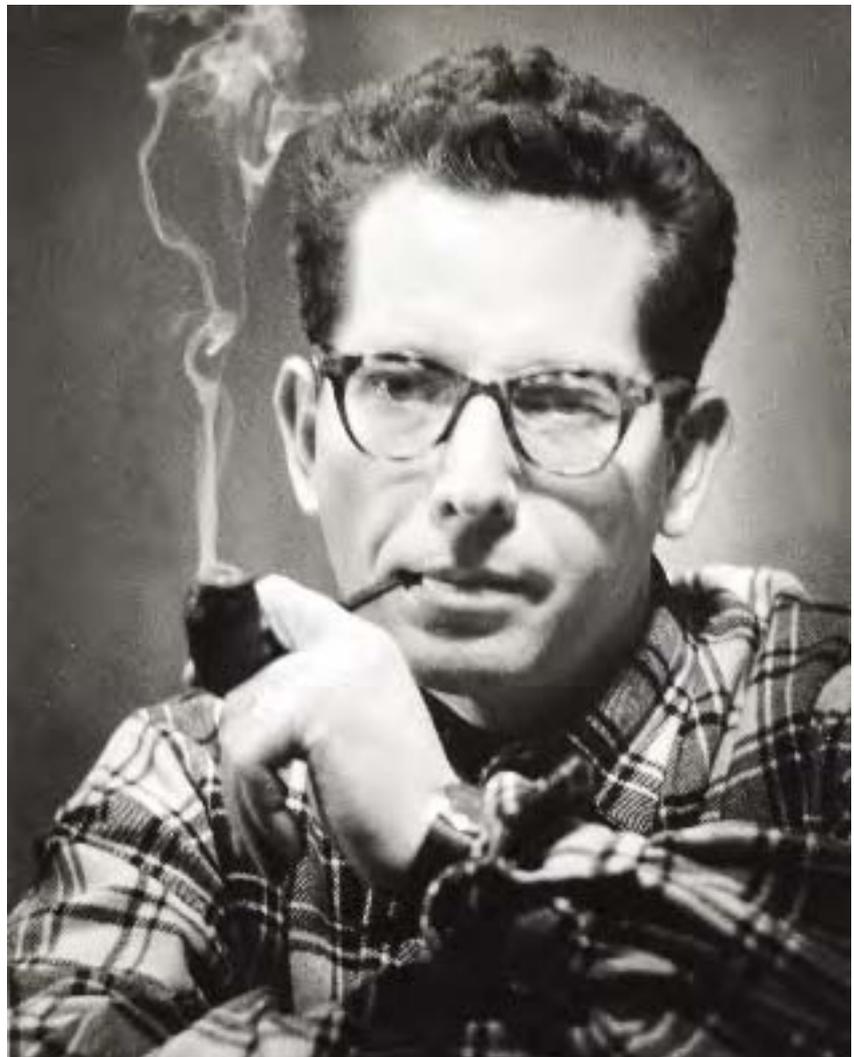
Poeta, tradutor de poetas, jornalista, escritor, cronista, professor, encenador, realizador de televisão Jorge Listopad, um dos fundadores da Escola Superior de Teatro e Cinema, continua hoje, aos 86 anos, a repartir-se pelos seus sete ofícios. Nascido em Praga, três anos depois da formação da Checoslováquia, que se subtraiu ao Império Austro-Húngaro no rescaldo da I Guerra Mundial, este português de adopção, que vive em Portugal há quase meio século, é o protagonista desta edição.

*Textos de Vanessa de Sousa Glória*

QUARENTA e oito anos volvidos sobre a sua chegada a Portugal, Listopad ainda não perdeu o sotaque eslavo, que o acompanha como um indisfarçável Bilhete Identificador das suas origens. Incapaz de estar muito tempo parado, vive em permanente desassossego, tendo já conseguido a proeza de encenar várias peças de teatro ao mesmo tempo. Dedicar-se à poesia e à prosa e escreve para o Jornal de Letras e para um semanário checo, sobre tudo o que lhe passa pela cabeça. Quem o conhece de perto diz que sempre teve este ritmo frenético. Qualquer minuto parado é encarado por ele como tempo perdido.

Lutador nato, Jorge Listopad sempre se bateu por aquilo em que acreditava. Inconformista, continua a dizer, sem medos nem rodeios, aquilo que pensa. Veio para Portugal atrás de uma mulher, das muitas que sempre pontuaram a sua existência, e por cá ficou. Neste Outono da vida, passa as tardes com a filha, Francisca, de 12 anos na casa onde vivem no Restelo. Compõem, a meias, uma canção sobre um homem que vai para longe, sempre mais longe, e nunca regressa, idêntica à sua própria história.

Jorge Listopad, cujo verdadeiro nome é Jirí Synek, nasceu em Praga, no dia 26 de Novembro de 1921, no seio de uma família abastada. Da infância e do pós-guerra guarda na memória – apenas na memória, porque as fotografias se perderam nas andan-



ças e conflitos – boas recordações.

O pai chamava-se Emílio e era dentista. Foi um dos primeiros burgueses a ter carro em Praga, mas, apesar de ganhar muito bem, nunca

enriqueceu. Partilhava muito do que tinha com os outros, o que faz dele, aos olhos de Listopad, “um verdadeiro São Francisco de Assis”. Da mãe lembra-se pouco. Chamava-se



Os pais no dia do casamento, em 1920

Maria, lia muitos livros e morreu de doença quando ele tinha 11 anos. O casal teve ainda uma filha, cinco anos antes, que ainda hoje vive em Praga.

Na escola primária, Listopad teve dois professores: primeiro Krauss, um homem que tocava violino e era árbitro de futebol aos domingos; e depois Francisco Lef, que cantava num coro de professores muito famoso na época e andava frequentemente em digressão pelo mundo. Krauss, que era uma pessoa muito nervosa, acabou por enlouquecer e ser internado, mas Lef deixou um rasto de fascínio pelas aventuras de viagem que contava. Reencontrou-o depois da guerra, mas ficou decepcionado ao ver como mudara e passara de sonhador a materialista.

Em adolescente gostava de jogar futebol, andar com os amigos pelos bairros mais escondidos da cidade, tomar banho no rio Moldava. Já na altura se interessava por poesia. Escrevia poemas, que hoje considera "horíveis", num livro de contabilidade.

Aos 17 anos estreou-se como encenador, meio a brincar, com uma adaptação do "Albergue Nocturno", de Gorki, representado por debaixo da famosa Ponte Carlos no centro histórico de Praga. Mas subitamente, quando tinha 18 anos, a Europa envolveu-se de novo em guerra e a sua vida tornou-se um inferno. A Checoslováquia era uma democracia de

grande sucesso económico, com uma forte base industrial, e o único aliado na região da França e da Grã-Bretanha, quando Hitler invadiu o país, depois de anexar a Áustria, em 1939. Tinha apenas o ensino secundário concluído quando o conflito começou, e alistou-se no movimento paramilitar contra os alemães, vivendo tempos muito difíceis. Os últimos três anos da guerra foram passados já no exílio. O pai tinha sido preso pelos nazis e acabou por morrer na prisão de Dresden. São episódios que não esquece e de que prefere não falar.

No final da guerra pesava 33 quilos. Os nazis tinham sido derrotados e a vida recomeçava. Estreou-se como jornalista no "Mladà", o primeiro jornal livre da nova Checoslováquia, feito pela juventude e publicado no dia 9 de Maio de 1945, data da capitulação alemã e hoje Dia da Europa. O "Mladà", que já entrevistou Jorge Sampaio, como Presidente da República, ainda hoje existe e é dos jornais mais vendidos de Praga.

Listopad orgulha-se da medalha militar checoslovaca, que recebeu do Marechal Tito em reconhecimento da coragem e valentia que demonstrou na luta contra a ocupação nazi.

Obtida a paz, as portas das universidades voltaram a abrir-se e, para recuperar o tempo perdido, tempos de estudo tinham agora uma duração mais curta. Apesar de ainda ter pensado na Literatura, completou em três anos a licenciatura em Filosofia na Universidade Carolinum. Pouco depois troca Praga por Paris, ao conseguir o cargo de Adido de Imprensa da embaixada checoslovaca na capital francesa, mas esse início de carreira diplomática é abruptamente interrompido pelo Golpe de Estado comunista de 1948, em Praga, encorajado por Estaline. Opta por continuar em Paris, arranjando trabalho na revista Paralel 50, cuja redacção chega a chefiar, e torna-se apátrida. Acarinhado como exilado, consegue entrar para a televisão pública francesa, onde tem o privilégio de conhecer de perto Edgar



Aos 14 anos, jovem burguês de Praga



Nos anos 70 com Manuela, uma das filhas gêmeas

Morin, Albert Camus, François Mitterrand e Jean-Paul Sartre.

Por “curiosidade linguística”, segundo diz, conheceu em Paris uma portuguesa que viria a ser a sua primeira mulher. Era uma manhã

de domingo. No Le Rostand, o mais famoso café de escritores e estudantes do Quartier Latin, com vista para o Jardim do Luxemburgo, ouviu duas jovens a falar uma língua estranha. Pensou que poderiam ser

gregas, meteu conversa com elas e apaixonou-se. Levou a conquista a uma visita guiada às esculturas do Museu Rodin, junto aos Invalides e ao túmulo de Napoleão, e o seu charme fez o resto. Casaram-se



## Uma biblioteca caótica

HÁ VÁRIOS anos que Listopad usa ao pescoço um cachecol e um fio com uma pedra. É uma espécie de logótipo, um amuleto que não larga e sem o qual não se sente bem.

O espólio bibliográfico que foi acumulando, ao longo da vida, chegou a um limite impensável. O espaço, há muito que se esgotou em sua casa. Os livros que não pára de receber e que continua a comprar jazem nos degraus das escadas que seguem até ao terceiro andar da casa. Mas, na desorganização aparente, consegue, contrariando o ar distraído, encontrar tudo o que pretende.

Foi no armazém de livros do avô, um editor conhecido em Praga, que

aos 8 anos leu “Os Miseráveis”, de Victor Hugo. Trepava o escadote da estante e punha-se a ler livros.

Sempre pronto para aventura. Listopad é um homem muito viajado, que guarda ternas recordações de destinos exóticos, como a Birmânia. Detesta, no entanto, excursões, coisas planeadas, e não quer morrer sem conhecer o continente australiano.

Raramente escreve sobre as suas viagens. “Outubro-Oriente” é a exceção. Escrito em português e traduzido em mandarim, em registo de diário, relata os mistérios da viagem ao Oriente, reafirmando a certeza de que “há horas que valem por dias”.

# O Protagonista

pouco tempo depois e tiveram duas gémeas, Manuela e Clara, nascidas no Hospital Americano de Paris, na mesma altura em que a actriz Ingrid Bergman, ali internada, teve também duas gémeas.

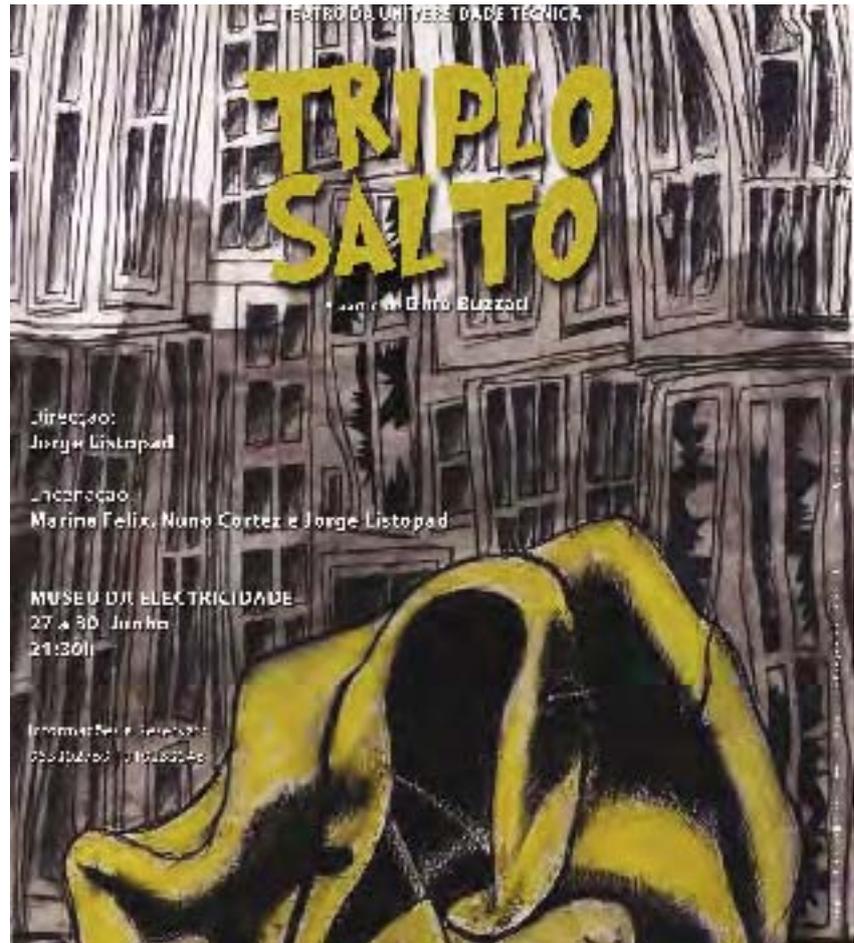
Aprendeu português com “O Crime do Padre Amaro”, de Eça de Queirós, lido e relido no percurso de 18 estações que tinha de percorrer no Metro de Paris, entre a casa e o emprego.

A vida não era fácil na Cidade Luz e a mulher e as filhas tiveram que vir para Portugal, fixando-se em Aldoar, no Porto, onde viviam familiares. As saudades eram muitas e, numa visita a Portugal que teria inicialmente a duração de dois meses, Listopad acabou por ficar. Até hoje.

Tripeiro por opção, vivia com o dinheiro do aluguer de um apartamento que tinha comprado em Paris. Com o apoio do marido da escritora Agustina Bessa-Luís, de quem se tornara amigo, tornou-se co-fundador e primeiro realizador da RTP no Porto.

Graças a isso, conheceu Portugal de lés-a-lés, com o etnólogo Jorge Dias, e tornou-se íntimo do “país real”. Com o investigador e a sua equipa, que fazia recolha das tradições e hábitos culturais, familiarizou-se com o trabalho artesanal, as aldeias comunitárias, as zonas pobres.

Convidado depois por Jorge Dias a dar aulas de Antropologia na Universidade, mudou-se para Lisboa, deixando para trás mulher e filhas.



Cartaz do último espectáculo do TUT encenado por Jorge Listopad

Sedutor, a fidelidade nunca foi o seu forte. Teve quatro paixões marcantes, de que resultaram seis filhos. Quase todos seguiram o exemplo de vida do pai, saindo do país que os viu nascer. Hoje vive com Helena Simões, que conheceu há 24 anos,

no Teatro Universitário de Lisboa. Ele era encenador do grupo teatral – cargo que ainda hoje mantém – e ela uma jovem estudante de Engenharia Civil. A diferença de idades entre ambos (36 anos) não foi impedimento para a vida em comum.



Durante uma visita aos Açores em 2003



## Divulgador de Gil Vicente e “O Judeu”



CONSULTOR do Teatro Nacional de Praga, Jorge Listopad já levou à cena na República Checa obras de Gil Vicente, o fundador do teatro português, e óperas de António José da Silva, «O Judeu», autor de uma celeberrima réplica ao famoso D. Quixote de la Mancha e o Gordo Sancho Pança.

Escreve poesia e prosa em checo e em português. A escrita é para ele um acto compulsivo. Não passa um dia sem escrever. Quem vive a seu lado diz que é capaz, em poucos dias, de escrever um conjunto de contos, sobretudo se for em checo. Cada palavra tem em seu entender uma história. *Madrugada*

é uma das suas favoritas. Proíbe os seus alunos de usar a “mais ou menos”, que remete para o limbo das insondáveis incertezas.

Recorre frequentemente à memória, mesclando-a com ficção. “Em Chinatown com a Rosa”, um dos seus últimos livros, escrito e editado em checo, com breves súmulas em português, partilha fragmentos da vida real. No prefácio sugere ao leitor que, ao terminar o livro, o deixe no banco do comboio, para que outros o possam ler. “Casa Dançante” é o título do seu próximo original.

Duas a três vezes por ano regressa à sua terra natal, para reencontrar amigos e matar saudades

da comida checa. Não dispensa as sopas bem condimentadas com ervas aromáticas.

Considera-se “um homem de esquerda não-marxista” e um “mau católico, que reflecte demais”. Mas Francisca, a filha mais nova, é baptizada, anda na catequese e vai fazer todos os sacramentos.

Confessa-se muito seduzido pelo desconhecido, mantendo uma relação metafísica com o mundo. É adepto do Futebol Clube do Porto, gosta de ver futebol na televisão e detesta anedotas. Por vezes ainda conduz, mas prefere andar a pé, nas manhãs de domingo. Prefere a montanha ao mar.

Desta relação nasceu Francisca (“o sol da sua vida”, como faz questão de dizer) que acaba de fazer 12 anos. Helena deixou a Engenharia Civil e hoje trabalha em Direcção de Cena na Fundação Gulbenkian.

Listopad conta no seu curricu-

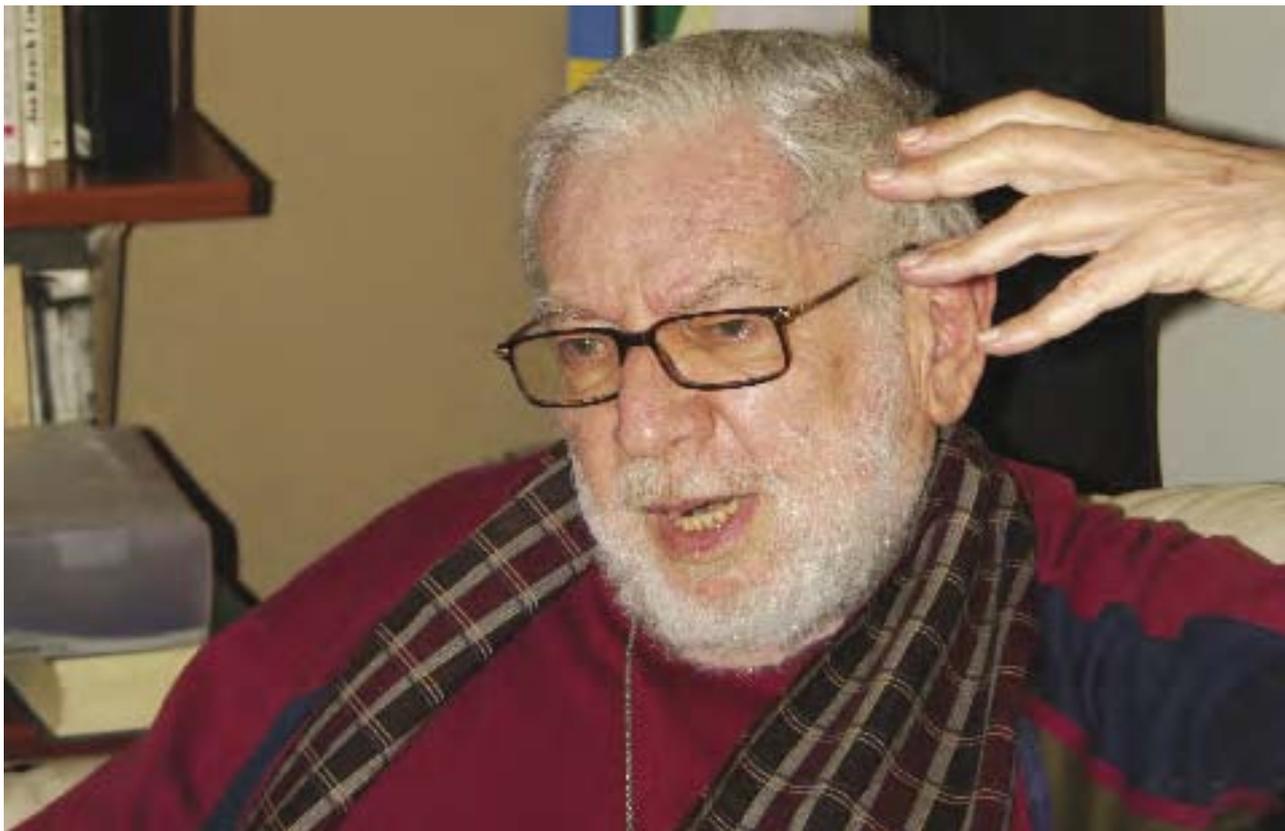
lum, que se recusa a redigir, com uma centena de peças encenadas. Já fez teatro na França, Suíça e Alemanha, para além, naturalmente, dos seus países natal e adoptivo. Já dirigiu a Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II, ensinou

teatro no Conservatório Nacional e presidiu à Comissão Instaladora da Escola Superior de Teatro e Cinema. Foi um dos responsáveis pelo projecto que levou à construção, na Amadora, do edifício da escola do Instituto Politécnico de Lisboa. To-



Brincando com a filha mais nova, Francisca, na sua casa no Restelo

# O Protagonista



dos estes anos passados, recorda o entusiasmo com que se dedicou durante dez anos àquela ideia, o apoio do então presidente do IPL, Antas de Barros, e do arquitecto Manuel

Salgado, que desenhou o edifício.

Gostava – diz à reportagem – que depois da sua morte a escola ficasse de alguma forma ligada ao seu nome. E lamenta que o Ministé-

rio da Ciência e do Ensino Superior o tenha impedido de dar aulas aos futuros doutorandos da escola, por ter ultrapassado os 70, limite de idade para a docência.

## O encenador e os Presidentes



Jorge Listopad mantém relações de amizade com dois grandes homens de Estado, que são simultaneamente, dois homens de cultura: Vaclav Havel, ex- presidente da República Checa; e Mário Soares, ex- Presidente da República Portuguesa. No ano 2001 foi homenageado em Praga, no castelo da cidade, pelo presidente Vaclav Havel, também ele escritor e dramaturgo, com a medalha de Mérito pelas prestações culturais ao país. Na altura o presidente saiu do hospital, onde estava internado, para estar presente na cerimónia o que emocionou bastante Listopad.



Eugénia Vasques

## Duas ou três coisas que eu sei sobre o Mestre

1. Jorge Listopad chegou ao Conservatório em meados dos anos 70, tendo sido nosso professor da cadeira de História do Espectáculo - cadeira do plano do 2º ano, em cuja leccionação sucedeu a Teresa Motta.

Concorreu, igualmente, à leccionação da cadeira de Formação e Direcção de Actores para além de outras áreas de especialização como Dramaturgia e Estética e História das Artes. Sei que nos dirigiu, aos nocturnos, no Atelier de Interpretação do 3º ano do Curso de Formação de Actores/Encenadores - novo nome do Curso de Animadores Teatrais (que era o que eu tinha demandado no 1º ano) e depois Curso de Formação de Actores/Animadores (2º ano) - e foi também nosso professor de Interpretação no 4º e último ano do Curso.

Recordo o espectáculo *Azul Como Laranja* (3º ano) que constituiu, no Pavilhão da Rua dos Caetanos, a nossa imersão iniciática numa estética surrealizante e orgânica a que não estávamos habituados e recordo, igualmente, o frustrado projecto de *Andorra*, de Max Frisch - que Listopad encenava no momento no Teatro Aberto -, que não chegámos a apresentar publicamente no final do Curso, para meu enorme desgosto, embora o tenhamos ensaiado por dentro do mês de Agosto e o tenhamos estudado afanosamente - com o Rogério de Carvalho como nosso colega externo - como se comprova pelo intenso processo dramático que elaborámos em colectivo e cujos documentos guardo religiosamente.

Recordo, ainda, que tentei - sem sucesso, que o

professor não mo permitiu! - ser Danton, na peça *A Morte de Danton* de Büchner, mas também este projecto não teria realização já não me lembro bem porquê.

A história desses anos ainda de festa no Conservatório encontra-se por fazer. Nessa altura, o curso nocturno, composto por professores de boa vontade (como Natália de Matos, Carlos Porto, Margarida de Abreu, Osório Mateus, Eurico Lisboa, Glória de Matos, Luís de Matos e alguns outros) e por estudantes-trabalhadores que chegavam às aulas por volta das 18 horas e saíam à meia-noite, era já, um curso "enteado" do Ministério, tendo sido, aliás, abolido pouco depois pelas habituais razões de economia e gestão.

2. Recordo, para além dos fantásticos exercícios de autoconfiança, de desinibição e de mergulho no subconsciente para melhor ser consciente de si e dos outros, o processo de iniciação à análise estética a que Jorge Listopad submeteu aqueles e aquelas mais sedentos de mundo e de cultura.

Sem nunca nos assustar com nomes muito estranhos nem com bibliografias desconhecidas - o que não era prática na nossa Escola, aliás, antes dos anos 80 -, introduziu-nos na prática de uma análise do texto - lembro-me, em particular, da análise apaixonada que fez da *Sibila* de Agustina que determinou o meu modo de ler esta autora, ou de *Huis Clos* de Sartre, que acabara de estreiar e da análise da cena com ferramentas semiológicas que não se preocupava em contextualizar teoricamente mas em

utilizar de um modo que me soava quase... a mágico.

E a verdade é que, só anos depois, eu percebi que o que realmente me marcara para sempre - a tal "marca de Zorro" de que já lhe falei em tempos - era a disciplina da análise dos signos artísticos através de elementos da Semiologia ou da Antropologia que viriam a ser ferramentas que tentei introduzir, de um modo menos eufemístico do que o próprio Mestre, seu praticante diplomático, no exercício da crítica teatral jornalística regular a partir dos anos 80, desviando-me, assim, de uma mais habitual análise dramática ou tão só de texto literário. Jorge Listopad foi um divulgador destas disciplinas, quer a nível académico quer a nível artístico, que aplicava às Ciências Humanas (línguas e literaturas, etc.) e às artes da Imagem, de que era, não por acaso, igualmente praticante profissional.

3. Listopad deixou ainda a sua marca na passagem do ensino artístico do Conservatório ao Politécnico (1983) e determinou a construção de raiz do edifício da Escola de Teatro e Cinema na Amadora.

O que realmente identificou a sua posição face ao ensino do teatro no nosso país - que adoptou nos anos 50 - foi a pragmática defesa do ecletismo. Em 1989 lembrava que *as escolas artísticas não são, por definição, de um único estilo, de um único saber, de uma única técnica, mas escolas ecléticas e instituições vocacionais que, em muitas matérias, deslocam o centro de ensino para os ateliers ou para as oficinas.*

## Alunos de publicidade vencem em Cannes

Dois estudantes do 3º ano do curso de Publicidade e Marketing da Escola Superior de Comunicação Social, Filipa Cardoso e Flávio Martins, conquistaram em Cannes o Prémio Montepio Young Creatives na categoria de estudantes. O evento foi organizado pela Academia *Roger Hacthuel*, daquela cidade francesa.

O PRÉMIO, disputado por estudantes dos vários continentes, reunidos em Cannes, é considerado um dos mais importantes do mundo publicitário. “Fizemos tudo em contra-relógio, tivemos de planear o evento em muito pouco tempo mas acabámos por conseguir”, explica Flávio. Quando souberam que faziam parte da *shortlist* da categoria de estudantes ficaram radiantes. “Tínhamos trabalhado para ganhar e foi um reconhecimento de que o nosso projecto era realmente bom”, afirma Flávio. Mas para Filipa a surpresa foi maior. “Quando disseram que tínhamos ganho olhei para o Flávio para ter a certeza que era mesmo verdade”.

O desafio para a categoria de estudantes Academia *Roger Hacthuel* consistia na organização de um evento que estimulasse a comunidade à pró-actividade na redução de emissão do efeito de estufa. Filipa e Flávio aceitaram o desafio e propuseram um evento dedicado aos jovens preocupados com as causas ecológicas. “O evento passa-se na praia e todas as



actividades são ecológicas: concertos e cinema no mar a que se assiste de gaivota, desportos ligados à natureza e tudo com energias alternativas”,

explica Flávio. Este foi o passe para uma semana em Cannes na Academia *Roger Hacthuel*. Mas não foram só aulas e seminários, tiveram a oportunidade de assistir à entrega dos Leões de Ouro. “Conhecemos pessoas do meio, trocámos opiniões e ideias com elas. Quebrámos muitas barreiras”, afirma Flávio. Mas ambos são unânimes em afirmar que a experiência mais enriquecedora foi o contacto com estudantes de países diferentes. “Abriu-nos muito os horizontes lidar com pessoas que estudam o mesmo que nós em outros sítios e que vêem o mundo de maneira diferente”, explica Filipa. E a ESCS foi fundamental para cumprir o objectivo de voar até Cannes. “A ESCS deu-me uma vasta e ampla cultura, aprendemos um bocadinho de tudo. Chegámos lá e sabíamos muitas coisas que uma pessoa na sua formação em Publicidade não sabe”, afirma Filipa.



Filipa Cardoso e Flávio Martins em Cannes

## Cantinas Escolares

# Estudantes precisam de aprender a escolher os alimentos que comem

No fim da adolescência, os estudantes do ensino superior têm necessidades nutricionais acrescidas e específicas, mas as suas escolhas e comportamento nem sempre são acertados, condicionados pelas alterações físicas, intelectuais e psicológicas por que passam. Daí que o refeitório escolar deva constituir um meio de aprendizagem e educação alimentar, através de uma oferta equilibrada e adequada às necessidades.

*Texto de Cláudia Viegas*



foto de Catarina Neves



foto de Catarina Neves

O PROCESSO de educação alimentar deve ser iniciado na infância, para que a aprendizagem se realize de forma efectiva e sustentada. Mas é igualmente verdade que é na fase final da adolescência, em que os estudantes do ensino superior se encontram, que é maior a independência e a capacidade de tomar decisões, e a predisposição para ouvir e compreender.

As ementas das cantinas são geralmente equilibradas, com oferta variada de pratos, opção de dieta e, por vezes, alternativas vegetarianas ou macrobióticas. A variabilidade da oferta depende, regra geral, das condições existentes no refeitório para confecção dos diferentes pratos. Quando a oferta é mais limitada, as ementas costumam respeitar a regra da alternância de produtos e tipos de

confecção ao longo dos diferentes dias da semana.

De qualquer forma a ementa é apenas a descrição dos diferentes pratos, sendo muito importante analisar, como eles são confeccionados e como os diferentes produtos são aí distribuídos.

As necessidades energéticas de

***Cada refeição deve ser composta por uma sopa, um prato e uma sobremesa***

um jovem com idade compreendida entre os 18 e os 25 anos são, em média, de 2500 kcal. Um almoço (refeição habitual do estudante na cantina) deve representar entre 25% a 30% do total diário, o que quer dizer cer-

ca de 750 Kcal. Ora, é importante ter em consideração a quantidade de nutrientes contidos na refeição. A contagem deve incluir os macronutrientes – proteínas, lípidos (gorduras), glícidos (hidratos de carbono) e fibra – e os micronutrientes, sejam eles vitaminas ou sais minerais.

Traduzindo estes conceitos em termos práticos, concluímos que cada refeição deve ser composta por uma sopa, um prato e uma sobremesa.

A sopa deve ser maioritariamente de legumes, devendo também ter leguminosas. Duas ou três vezes por mês ela poderá ser constituída por um componente proteico de origem animal, como canja ou sopa de peixe. A sopa nem sempre é um alimento apreciado pelas crianças ou jovens. Umhas vezes por falta de hábito, em casa



fotos de Catarina Neves



ou na escola; outras porque, apesar de apreciada, no refeitório não é lá muito saborosa, chegando mesmo a ser aguada. Ora, este é, sem dúvida, um dos aspectos a ter em atenção, e a corrigir se necessário, uma vez que a sopa é uma excelente fonte de água, mas acima de tudo, fonte muito importante de fibra, vitaminas e sais minerais, contribuindo ainda para a sensação de saciedade. O seu valor nutricional e qualidade gastronómica estão directamente relacionados com a forma como é confeccionada.

*A sobremesa deverá ser constituída por fruta, em detrimento dos doces, que devem constituir a excepção e não a regra*

Aí deve ser privilegiado o uso de legumes e vegetais frescos, em detrimento de produtos desidratados prontos a utilizar. É que estes, para além de não terem o mesmo valor nutricional, possuem ainda aditivos que acabam por conferir um sabor pouco diferenciador entre as sopas, criando desinteresse.

O prato, onde entram as proteínas de origem animal, deve conter 100 gramas de carne ou de peixe, não mais do que 70 a 80 g de gordura (lípidos) e uma quantidade equilibrada de vegetais e legumes. E não ter sal a mais. O excesso de sal na confecção dos alimentos é um problema



## União Europeia exige segurança

QUANTAS vezes somos confrontados com o facto da comida estar fria, demasiado seca ou a “nadar” em gordura? O facto de estar fria tem muitas vezes que ver com o mau funcionamento do equipamento e/ou com a falta de controle das temperaturas de distribuição, aspecto fundamental, não apenas em termos organolépticos, mas também a nível da segurança alimentar.

Os alimentos ficam secos porque são confeccionados todos de uma vez e colocados no banho-maria ou na estufa, não havendo, quer por falta de condições, quer por falta de sensibilidade ou formação, a preocupação em acertar a confecção de forma faseada com o serviço. O uso excessivo de gordura ou sal é uma forma de “dar sabor”, por falta de conhecimento para o fazer de outra forma.

Tudo isto remete para a problemática da segurança

alimentar, a que a União Europeia tem dedicado grande atenção, emitindo diversos regulamentos. Em resultado disso, tem-se assistido a um esforço das entidades fiscalizadoras para fazer cumprir a legislação.

Os problemas têm origem na falta de condições estruturais para a realização das operações, falta de equipamento, falta de valorização social dos profissionais da restauração, que são normalmente mal remunerados, em número insuficiente e pouco motivados para as tarefas que desempenham.

Este facto associado à frequente falta de formação profissional, leva a que existam diversas falhas no serviço de produção de refeições, que vai afectar e fazer perpetuar os erros anteriormente referidos e agravar o aspecto gastronómico, importantíssimo na escolha de um “restaurante”.

frequente. Apesar de nutricionalmente incorrecto, não é entendido como tal pelos consumidores, habituados a consumi-lo em excesso.

Finalmente, a sobremesa, que deverá ser constituída por fruta, em detrimento dos doces, que devem constituir a excepção e não a regra.

Nos refeitórios é frequente existir uma oferta variada de fruta, embora sejam igualmente oferecidas diversas variedades de sobremesas doces. Esta oferta só deveria verificar-se uma ou duas vezes por semana, para fomentar o consumo de fruta.

A educação alimentar passa ainda pelas questões sociais e ambientais, não devendo ser relegados para segundo plano aspectos como a decoração, conforto, higiene e organização do serviço, que vão condicionar o acesso e o desejo de ir ao refeitório. O próprio uso do termo “refeitório” ou “cantina” tem uma conotação socialmente negativa, pelo que, numa tentativa de esforço e melhoria, associada aos outros aspectos referidos, se poderia passar a chamar “restaurante escolar”.

Não existe uma grande expectativa por parte dos consumidores em relação às refeições do refeitório,



A sopa deve ser maioritariamente de legumes e ter leguminosas

havendo uma tendência a classificá-las como uma refeição produzida em massa nas quais a preocupação não é o sabor dos alimentos, constituindo mais uma satisfação da necessidade de comer apenas, não associado ao prazer da refeição. Apesar de ainda não existir uma consciência clara por parte quer do público quer dos profissionais da restauração, é possível confeccionar uma refeição equilibrada e saudável e, ao mesmo tempo, muito apelativa

do ponto de vista gastronómico. É necessária mais formação, vontade e acções mais integradas por parte de todos os intervenientes. Neste sentido, os consumidores devem ser activos criticando os aspectos negativos, mas ao mesmo tempo valorizar os aspectos positivos.

Considerando tudo, é mais saudável e económico comer no refeitório do que utilizar um restaurante *fast-food*, alternativa seleccionada com frequência pelos estudantes do ensino superior.



foto de Catarina Neves

## Três erros alimentares a evitar

SÃO TRÊS os erros mais frequentes, relativamente à composição do prato da refeição. O primeiro é, desde logo, o excesso de proteínas de origem animal. Um jovem só necessita de cerca de 100 gramas de carne ou de peixe a cada refeição. Mas esta quantidade é frequentemente excedida, em particular quando o alimento de origem animal é carne, chegando a atingir valores de 150, 200, 250 gramas ou mais por refeição.

O consumidor (estudante ou professor), normalmente não reclama e até fica satisfeito com esta oferta. Este excesso decorre de razões culturais e do excesso de capitação das cantinas.

O crescimento económico dos últimos anos deu origem a um maior poder de compra das famílias, que passaram a poder consumir alimentos até então considerados caros. Habitaram-se a ingerir quantidades elevadas de carne e de peixe, não apenas nos refeitórios, mas em casa ou nos restaurantes. Por outro lado, o prestador do serviço de cantina inscreve habitualmente nos cadernos de encargos valores de capi-



foto de Catarina Neves

tações (quantidades de alimentos) demasiado elevados, relativamente ao necessário. Algumas escolas e universidades não estabelecem valores de capitações para alimentos, deixando isso ao critério das empresas de restauração. E estabelecem como critério de adjudicação, os valores apresentados pelas empresas, sendo tanto maior a pontuação quando maior o valor de capitação, normalmente associada

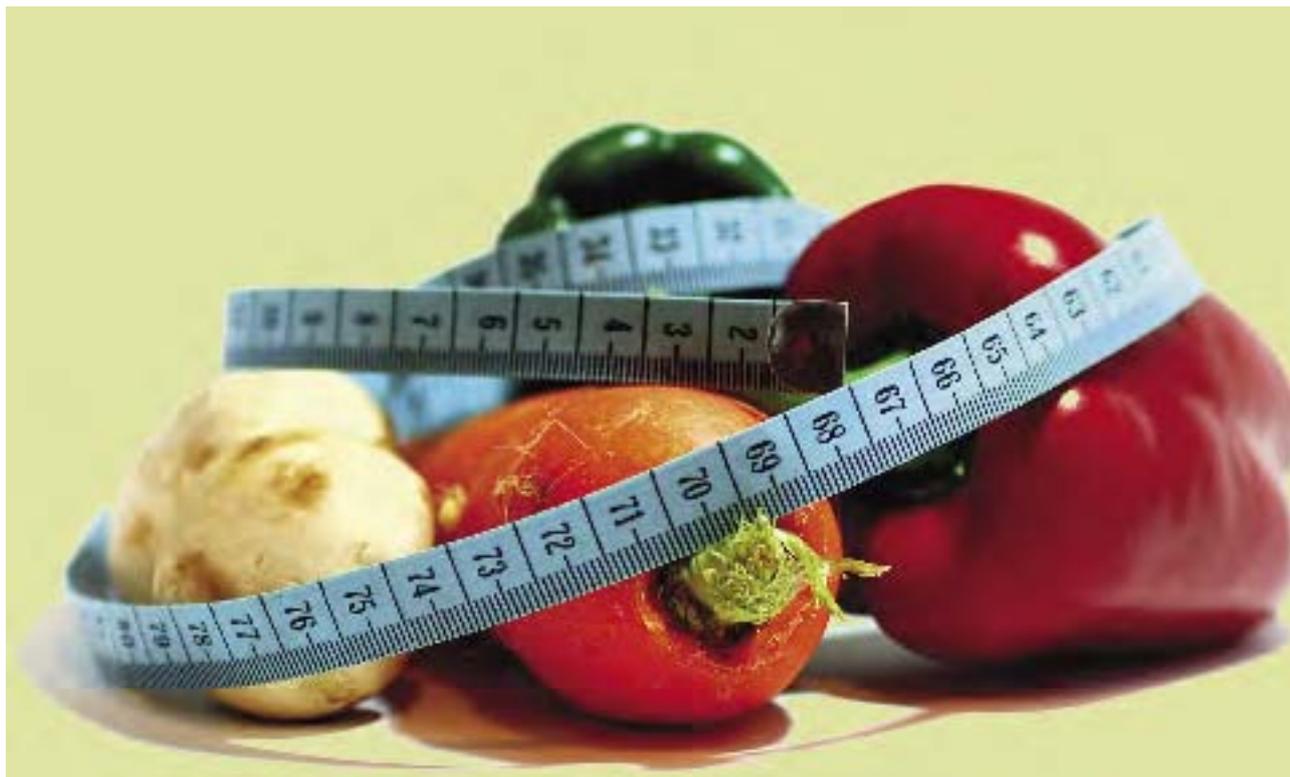
a produtos proteicos de origem animal. E é isso que estimula o uso de capitações elevadas.

Estes alimentos, embora indispensáveis e com um papel fundamental no organismo, são necessários em quantidades inferiores às consumidas pela população em geral. Como foi referido 100 gramas a cada refeição é suficiente. Convém não esquecer que sempre que são consumidas proteínas em excesso, as mesmas são acumuladas no organismo sob a forma de gordura, contribuindo assim para a obesidade. Para além disso, um consumo excessivo de proteínas de origem animal acarreta, normalmente, um consumo excessivo de gordura. É bom saber que 100 gramas de bife de vaca possuem 8 gramas de gordura, o que vai agravar o consumo excessivo de energia e facilitar o desenvolvimento da obesidade.

O segundo grande erro é o excesso de gordura de confecção do prato. Diariamente um jovem necessita de 70 a 80 gramas de gordura (lípidos), também indispensável ao correcto funcionamento do organismo (produção de energia, sistema nervoso, sistema endócrino, etc.). Destas 70 gramas, cerca de metade é ingerida directamente através dos alimentos, sendo considerada



O amido não deve substituir as proteínas



Os vegetais e legumes, para além de vitaminas e minerais, fornecem fibra que diminui a absorção de gorduras e açúcares

gordura invisível, pois não a conseguimos ver ou separar do alimento. É o caso da gordura do queijo, da carne ou das bolachas. A outra metade é constituída pela gordura visível (manteiga, azeite, óleo), passível de maior controlo. Deve-se usar o azeite para todas as confeções e um óleo alimentar vegetal adequado para fritar, evitando por completo margarina ou manteiga. Há que atender, por outro lado, à quantidade de gordura usada na confeção. Existe alguma preocupação com a quantidade de alimentos fritos que aparecem nas ementas, uma vez que estes absorvem bastante gordura na confeção, mas um estufado ou um guisado, podem igualmente ter gordura em excesso se não se tiver atenção na confeção. Cada indivíduo deve ingerir em média por refeição 15 a 20 gramas de gordura visível (considerando uma alimentação equilibrada). Um colher de sopa de azeite possui de 8 a 10 gramas de gordura, pelo que não é difícil compreender que, usando a gordura “a olho”, facilmente se ultrapassam o valor recomendado, quer na confeção, quer no tempero (das

saladas, por exemplo).

O terceiro grande erro é a insuficiente quantidade de vegetais e legumes. Nos refeitórios, embora sejam respeitadas as quantidades de massa, arroz, ou batata ou leguminosas, é completamente esquecida a importância dos vegetais e legumes como fornecedores de fibra, vitaminas e minerais. Para além de oferecidos em quantidade



foto de Catarina Neves

insuficiente, a maioria das vezes são-no sob a forma de saladas monótonas – alface, por vezes tomate, ocasionalmente cenoura – e, quando confeccionados, a oferta é igualmente limitada na variedade e quase sempre cozidos.

Os vegetais e legumes, para além de fornecedores de vitaminas e minerais, fornecem fibra que tem, entre outros, um papel relevante na diminuição da absorção de gorduras e açúcares, proporcionando também sensação de saciedade, contribuindo dessa forma para o controlo do peso.

Existe uma grande variedade de legumes que, crus ou cozinhados, se podem tornar muito apelativos gastronomicamente e deste modo beneficiar o aspecto nutricional.

Acresce que a redução na utilização de alimentos proteicos de origem animal, bem como de gordura, conduzirá a uma redução no custo da refeição, valor que poderia ser canalizado para uma melhoria na oferta de vegetais e fruta. Com a vantagem de poder tornar a refeição mais apelativa do ponto de vista económico.

Eldevina Materula: oboísta

## A moçambicana de Malmö

Contra a vontade do pai, Eldevina Materula deixou Maputo, onde nasceu, para estudar música em Portugal. Distinguiu-se com 19 valores na Escola Superior de Música de Lisboa, mas foi em Évora que se apaixonou pelo instrumento dos seus sonhos: o oboé. Hoje, aos 24 anos, vive na Suécia, onde exerce a profissão e continua a aperfeiçoar os estudos.

*Textos de Vanessa de Sousa Glória*





Eldevina numa aula na Academia de Música de Malmö

**E**ldevina Materula não sabe muito bem como isso começou mas sempre teve uma paixão pela música. Recorda-se de ser miúda e estar em frente à televisão a ver programas musicais que mais ninguém via na família.

Nasceu em Maputo e foi aí que iniciou os estudos e aprendeu a tocar piano. A persistência em concretizar o sonho de ser música trouxe-a para Portugal, com apenas 13 anos. Veio

sozinha, para um “outro mundo” onde começou do zero. Para trás ficou a família e um pai inconformado.

Em Évora, onde viveu inicialmente, partilhava uma casa com estudantes moçambicanos, e foi na Escola Profissional de Música da região que viu pela primeira vez um oboé. O professor Andrew Swinnerton – que acreditou sempre no seu talento – achou logo que ela tinha “bons dedos” para tocar. Cumpridos os seis

anos obrigatórios de estudos, as dificuldades financeiras convidavam-na a voltar para Moçambique, mas o amor à música falou mais alto.

Voltou a fazer as malas e de Évora foi para Lisboa, onde concorreu à Escola Superior de Música e onde acabou por entrar. Aí reencontrou o professor Andrew Swinnerton que a ajudou a comprar o seu primeiro oboé. Mais tarde as exigências profissionais levaram-na a adquirir outro, com mais qualidade. É um dos últimos modelos da Marigaux, fabricante conceituado nesta área, feito de madeira e com chaves banhadas em ouro. Pertencia a François Leleux, antigo professor de Eldevina, em cujas mãos se notabilizou, durante anos, como o primeiro oboé da orquestra de Baviera. Custou-lhe cinco mil euros.

O som emanado do oboé é o que mais a fascina. Atreve-se a dizer que é “um dos instrumentos de sopro mais importante na orquestra”. É ele que toca a nota *Lá*, antes de um concerto começar, para que todos os outros músicos afinem os instrumentos.

As palhetas duplas são “o coração do oboé”, como a artista, ela própria, reconhece e diz. Num estojo guarda várias, todas produzidas pela obois-



Eldevina Materula: a paixão pelo oboé

## Palhetas e Jacarandá

EM três tempos Eldevina Materula retirou duas peças de um estojo, que mais parecia a mala do Sport Billy, e encaixou-as uma na outra, exibindo o seu oboé. A palheta dupla é o coração deste instrumento de sopro. É um objecto tão pessoal que, na maioria dos casos, tem de ser adaptado ao músico, e por isso, é feito pelo próprio. Constituído por uma pequena tira de cana dobrada em dois onde é colocado um pequeno tubo de metal. O tubo de metal encaixa-se numa base de cortiça que é fixada na extremidade superior do oboé. O oboísta coloca a extremidade da palheta dupla entre os lábios, retraindo-os levemente para dentro da boca sem tocar nos dentes. Deve manter um sopro contínuo entre as duas extremidades da palheta dupla, colocando-as assim em vibração, uma contra a outra. A coluna de ar dentro do oboé também entra em vibração produzindo deste modo as notas. O corpo do oboé é feito de madeira de ébano ou de jacarandá. Segundo Eldevina adquire-se um oboé com alguma qualidade por 2500 euros, o dela custou-lhe 5 mil euros.

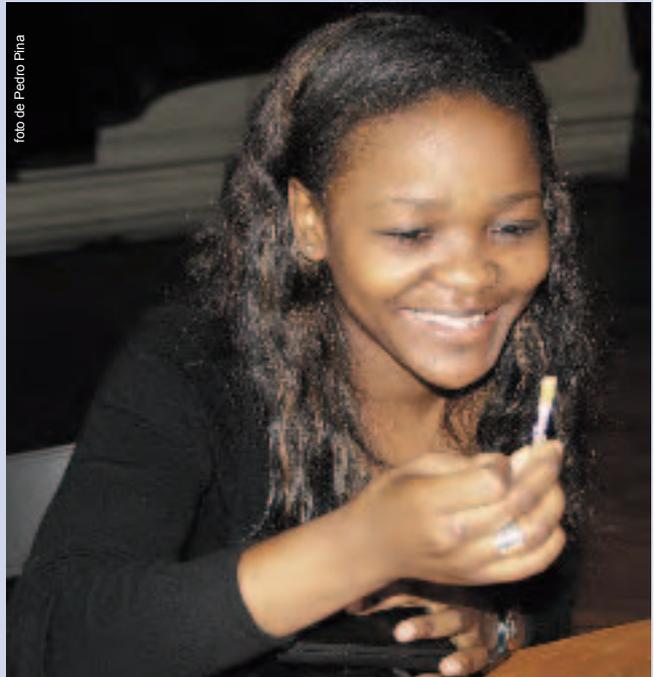


foto de Pedro Pina



A artista, na sua *oficina privada*, em Malmö, preparando as palhetas

ta, adaptadas às diferentes situações em que toca – agrupamentos a solo, orquestra e música de câmara.

O prémio Jovens Músicos em Oboé de 2002, uma iniciativa da

RDP, abriu-lhe novas portas no mundo da música. Conciliou sempre os estudos com a actividade profissional. Hoje orgulha-se de ter actuado nas melhores salas de concerto de

norte a sul de Portugal. No estrangeiro já esteve na Alemanha, França e Espanha. Tocou a solo com as orquestras das Câmaras de Cascais e Oeiras e com o Entre Opus. E logo

cedo foi convidada a tocar na Orquestra Gulbenkian.

Eldevina Materula deu aulas de oboé a crianças na Escola Profissional de Palmela. No papel de professora aprendeu muito com os seus alunos, experiência enriquecedora de que teve de desistir por falta de tempo. Está sempre preocupada em ensinar aos alunos o controlo da respiração, requisito fundamental para tocar oboé.

A artista moçambicana é um dos membros fundadores do “Ensemble Palhetas Duplas”, criado por um grupo de jovens músicos que partilhavam o mesmo entusiasmo, inconformados com a inexistência de ensembles de oboés e fagotes.

Com média de 19 valores, Eldevina Materula terminou o ano passado o curso de Oboé e Música de Câmara na Escola Superior de Música de Lisboa, mas decidiu não parar de estudar. E como em Portugal não existia a oportunidade de prosseguir os estudos a nível superior, rumou à Suécia. Aí contactou um professor da área, que lhe falou do curso de *Intepretation in Music* da Academia de Música de Malmö, uma instituição que possui, de resto, ligações académicas à Escola Superior de Música de Lisboa.

Habituada a fazer as malas não hesitou em partir. Alegra-se de ter sido muito bem recebida, embora lhe tenha custado a adaptação ao clima. A experiência que está a viver fá-la esquecer as saudades do sol de Portugal. Apesar de estar ali ainda há



pouco tempo, já participou, para além das aulas práticas, em vários concertos da Orquestra Sinfónica de Malmö.

Admira a auto estima dos suecos, lamentando que os portugueses não sejam assim. Diz que há grandes músicos em Portugal e que a prova disso foram as últimas admissões para a Orquestra da Gulbenkian de músicos portugueses bastante jovens.

O pouco respeito que existe em Portugal pela classe dos músicos entristece-a, fazendo-a pensar que “é preciso, por vezes, sair do país para ser reconhecido e depois voltar.” Eldevina, que vive exclusivamente da música, considera que é possível ser-se músico em Portugal, embora isso

não seja fácil. A falta de orquestras não ajuda, acabando o ensino da música nas escolas e universidades por ser uma saída profissional. A Escola Profissional de Évora, onde estudou, já fechou as portas, o que é mais um a prova de só “com muito estudo, prática e amor à música se consegue” singrar neste meio.

Por enquanto vai ficar pela Suécia, estando para já fora de questão voltar para a terra natal. Mas ela sabe que Moçambique é um país com talentos e com uma musicalidade inata, e por isso talvez um dia, com as condições necessárias reunidas, vá para lá ensinar. E outro dos seus sonhos acabe por se tornar realidade.



## Mestre Swinerton

DIPLOMADO pelo Royal College of Music de Londres, Andrew Swinerton, o mestre de Eldevina Materula é professor de oboé na Escola Superior de Música, onde lecciona as cadeiras de Reportório e Leitura à 1ª Vista.

Membro fundador do Quinteto Amadeus e do Trio Zéfiro, tem, no seu curriculum, mais de trinta anos

de carreira profissional na música.

Foi solista da Orquestra Gulbenkian, até 2006, integrou orquestras em Inglaterra, na Bélgica e actuou como primeira figura do oboé em vários países da Europa, Ásia e África.

Entre os prémios que conquistou figura a Medalha de Prata no Concurso Internacional de Genebra de 1977.

Da realização do espectáculo à ilustração

## O mundo fantástico de Eunice

Licenciada em Realização Plástica do Espectáculo pela Escola Superior de Teatro e Cinema, Eunice López Gomes é, aos 33 anos, não só uma talentosa cenógrafa de figurinos mas uma estrela ascendente no universo fabuloso da literatura fantástica *made in Portugal*. Os seus desenhos, repletos de simbolismo, remetem-nos para um firmamento de geometrias sagradas.

*Textos de Paulo Silveiro*





**E**UNICE Gomes aventura-se em criações que exploram a harmonia e as cores étnicas de origem céltica e nipónica. E convida-nos a sonhar com ela, a recriar os sentidos e a espraia a imaginação. Herdou dos pais, ambos músicos – ele na Fundação Gulbenkian, ela no Teatro de São Carlos – o gosto pelas artes. Desde os quatro anos que frequenta os bastidores do espectáculo. Já no início, quando espreitava os camarins e a montagem dos cenários, e assistia aos ensaios de ópera, gostava muito de desenhar. Daí o ter ido para Escola de Artes Decorativas António Arroio.

Ao terminar ali o Curso Geral das Artes quis estudar cenografia. Escolheu, por isso e para isso, a Escola Superior de Teatro e Cinema, único estabelecimento de ensino que lhe proporcionaria as matérias que queria estudar. Hoje, guarda da escola as melhores recordações – ali adquiriu concei-

tos essenciais de síntese, aprendeu a elaborar figurinos e a distribuir as personagens pelo espaço, começou a aplicar à coreografia as artes da pintura e do desenho. A soma e o resto foram o aperfeiçoamento das técnicas que lhe permitem realizar ilustrações, pinturas e esculturas. Trabalha com aguarelas, guache, ecoline, pastel seco, tinta de óleo, acrílico, tempera e lápis.

Dos tempos da aprendizagem guarda, com especial carinho, os nomes dos professores Paulo Morais, António Casimiro e Helena Reis, que a estimularam a acreditar em si. “Foram os meus mecenas”, diz, reconhecendo que foi graças aos seus contactos junto de produtores e encenadores que teve a oportunidade de mostrar o seu talento.

Para além dos conhecimentos adquiridos nas aulas, Eunice considera que a escola não só lhe permitiu adquirir múltiplos conhecimentos como se revelou importante no desenvolvimento da sua personalidade, preparando-a para enfrentar um mercado de trabalho altamente competitivo. Como sempre lhe ensinaram nas aulas, o mais importante não é a capacidade de criar um projecto, mas o conseguir provar a um produtor ou encenador que a sua ideia é a melhor.

A ligação da artista à Escola de Teatro e Cinema é tão forte que, muitas vezes, convida os seus antigos professores a integrarem os seus projectos profissionais.

A escola do Politécnico de Lisboa é ainda o espaço que lhe permite expor, e bem assim mostrar, trabalhos de sua autoria.







Eunice lembra que ser cenografista exige, nos tempos que correm, capacidades de manipulação de um amplo conjunto de técnicas, incluindo conhecimentos de luz, de edição, de sonoplastia e de programas informáticos em três dimensões. Está mesmo convencida de que a grande aposta do cenografista é, actualmente, no suporte onde apresenta as suas propostas.

A sua certeza decorre do facto de o mundo do espectáculo ser cada vez mais itinerante, exigindo palcos leves, fáceis de desmontar e de transportar para outro

sítio, servindo essencialmente como suportes de som e de luz. Para responder a esses desafios e apresentar rapidamente várias opções, os cenografistas têm que ser rápidos na construção de modelos que se adaptem a vários usos. E isso só é possível em ambiente 3D.

Eunice define-se como uma artista conceptual, profissão que abrange uma variedade de conhecimentos. O curso que tirou na Escola Superior de Teatro e Cinema deu-lhe as bases para desenvolver à posteriori um conjunto de capacidades, que lhe permitem tra-

## O fantástico e m português

PORTUGAL também aderiu ao fantástico. Nomes como Filipe Faria, Inês Botelho, Ricardo Pinto, Miguel Ávila, Sandra Carvalho e Pedro Salvador Mendes fazem parte da nova geração de autores que se têm vindo a impor no panorama da literatura fantástica.

Alguns desses artistas baseiam-se em modelos já divulgados ou mergulham em textos clássicos das mitologias grega e latina. Outros, vão buscar inspiração às lendas e narrativas do nosso país. O importante é que estamos a assistir já ao nascimento deste género no panorama editorial e cultural português.

A artista Eunice Gomes tem acompanhado este movimento através da participação, como ilustradora, em livros de autores como José Galambas e Vera Cardoso.

Este surto de mundos cheios de seres imaginários deve-se, em grande parte, às

mega-produções de Hollywood. Filmes como a trilogia do Senhor dos Anéis, Tróia, ou Trezentos, fortemente apoiados num *merchandising* muito agressivo, vieram despoletar uma onda de consumismo junto do público jovem, particularmente disponível para de tudo o que esteja ligado à “fantasy” e ao épico.

Grandes êxitos na literatura fantástica como o famosíssimo Harry Potter, da escritora inglesa J.K. Rowling, que residiu algum tempo no Porto; ou Eragon, de Christopher Paolini, já passados para o cinema, fazem hoje o encanto de miúdos e graúdos. Essas obras foram aproveitadas por uma imensa indústria de produtoras de jogos, programadores de computadores e fabricantes de brinquedos, que inundaram o mercado com produtos dirigidos ao imaginário dos fãs do fantástico.

balhar em vários campos. Está neste momento a formar uma empresa, onde irá desenvolver trabalhos nas áreas da direcção artística de vídeo clips, definição de guarda-roupa, consultadoria visual e apresentação de propostas de stands para feiras.

Dois dos aspectos mais importantes da profissão, na opinião da artista, são a capacidade de negociação e os suportes que se utilizam quando se apresenta o projecto aos clientes. Como exemplo, relembra a proposta que apresentou aos caminhos-de-ferro portugueses para um stand. O estudo incluía cinco imagens em 3D e os uniformes que seriam utilizados pelas assistentes, tudo acompanhado de um ficheiro de áudio para servir de suporte à apresentação. «É muito importante o marketing que se utiliza quando se tenta vender uma ideia», assegura.

A jovem criadora começou a interessar-se pela literatura fantástica, a que hoje dedica o essencial da sua atenção, ainda na infância. A mãe era fascinada por este tipo de livros, sendo uma assídua consumidora das revistas “Tales from the Crypt”, “Creepy” e “Fangoria”, que nas décadas de 60 e 70 eram o expoente máximo do género de terror.

Como é hábito nas crianças, quanto mais a desencorajavam a mergulhar nas

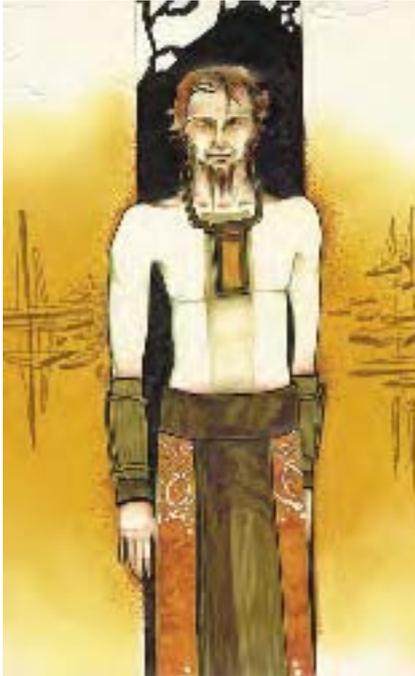
fantasias assustadoras daqueles livros, mais a sua curiosidade despertava. E foi assim que das espreitadelas às escondidas das revistas da mãe foi parar ao uni-

verso fascinante de Tolkien. Ainda não conseguia ler os textos, de tão densos que eram, mas já ficava extasiada com as ilustrações.

Apesar da influência dessas referências da arte fantástica, Eunice Gomes diz que a sua matriz é Brian Froude, que considera o melhor artista conceptual do género da actualidade. Ele e outro inglês, Alan Lee, grande nome também da ilustração fantástica, são hoje, seguramente, autores do que de melhor se faz na “fantasy” – tanto na ilustração como na criação de personagens cinematográficos.

A ilustradora assume que o seu fascínio pelo fantástico resulta da riqueza do folclore e da possibilidade de trabalhar a morfologia das personagens. Diz que o ilustrador do género fantástico sente com “uma espécie de poder divino”, ao partir do nada para os tipos de mundos que a sua imaginação concebe. Preenche depois esses mundos com estranhos seres, decidindo tudo: o que vestem, o que comem, onde vivem ou como lutam.





## A nova Princesa dos Elfos



foto de Catarina Neves

EUNICE López Gomes nasceu em Lisboa no ano da Revolução dos Cravos e licenciou-se em 2000 na escola artística do IPL. Artista conceptual, na sua própria definição, mergulha com frequência na mitologia escandinava. São mundos povoados de seres perfeitos, como os elfos, que vêem e ouvem melhor que os humanos, são imortais e não envelhecem nem ficam doentes.

Há quem veja nela semelhanças fisionómicas com a actriz norte-americana Liv Tyler, que interpreta no *Senhor dos Anéis: As Duas Torres*, o papel de Arwen, Princesa dos Elfos. E por isso há quem insista em chamar-lhe assim, a *nova Princesa dos Elfos* – aplaudindo nela o talento de querer aproximar-se da genialidade de Tolkien, que reiventou as criaturas míticas da mitologia nórdica e do paganismo alemão, retirando das arcas a literatura medieval europeia.

A origem da tradição dos elfos está nas culturas finlandesa, norueguesa e sueca. São seres imaginários, amantes da música, da dança e das artes, que dominam os segredos da natureza e de certas ervas mágicas, com fortes poderes curativos.

No imaginário dos povos nórdicos existiam dois tipos de Elfos: os *Elfos Claros*, que eram bondosos e belos, de olhos claros e cabelos brancos, que viviam nos grandes bosques; e os *Elfos Escuros*, que encarnavam o mal, vivendo em subterrâneos e a quem eram atribuídas as enfermidades de que padeciam os humanos.

A lenda dos elfos espalhou-se um pouco por toda a Europa, da Alemanha à Dinamarca, Inglaterra, Irlanda, Espanha, França, adoptando nomes diferentes, marcando a História do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

José Carlos Barros, criador de marionetas

# Um Gepeto português na Escola de Teatro

Na Fábrica da Cultura da Amadora existe um recanto dedicado à marioneta mais famosa do mundo, Pinóquio, o boneco falante criado pelo marceneiro Gepeto, que ao dizer mentiras via o seu nariz crescer. É ali, naquele espaço criativo fascinante, que trabalha José Carlos Barros, professor de cenografia da Escola Superior de Teatro e Cinema, o Gepeto português.

*Textos de Jorge Silva • Fotos de Catarina Neves*





Olhando os bonecos, construídos e habilmente manuseados pelo docente da Escola Superior de Teatro e Cinema, sentimo-nos outra vez crianças, mergulhando fundo no mundo mágico das marionetas.

José Carlos Barros nasceu em São Mamede em 1944, e desde criança que sente o fascínio e a atracção das marionetas. Na sua infância assistia a muitos espectáculos de fantocheiros, que andavam com a barraca às costas, de terra em terra, a alegrar a pequenada. O pai começou a incentivá-lo a construir os seus próprios brinquedos, ajudando-o mesmo a fazê-los. E assim começou uma arte, que

*Fará sentido criar na Escola Superior de Teatro e Cinema, a nível curricular, um curso de marionetas ?*

desenvolveu e se mantém até hoje. “Nunca consegui deixar de brincar com bonecos e continuo, agora como na infância, a fazê-los para mim”, diz o coreógrafo.

A passagem da Escola Superior de Teatro e Cinema do Conservatório para a Amadora, levou-o a trocar o espaço que possuía no Teatro da Trindade, de que foi director, entre 1986 e 1992, pela Fábrica da Cultura na Amadora. A autarquia cede-lhe o espaço, em troca da

participação em projectos municipais.

Outra vertente que o artista José Carlos Barros explora, quando faz os seus bonecos, é o da literatura infanto-juvenil, sobretudo a do escritor António Torrado. Este é

um dos autores mais importantes na literatura infantil portuguesa, possuindo uma obra bastante extensa e diversificada, que abrange textos de raiz popular e tradicional, mas também a poesia e sobretudo contos.



José Carlos Barros acredita que o teatro de marionetas vai continuar a encantar as crianças e os adultos por muitas gerações. Para isso, enquanto professor procura transmitir aos seus alunos o gosto pelas marionetas, realizando todos os anos um ciclo dedicado a este tipo de teatro.

A poética dos textos e o fascínio da construção artesanal dos bonecos tem encantado os alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema. O docente sustenta mesmo a convicção de que seria importante criar, a nível curricular, um curso dedicado ao teatro de marionetas. O exemplo vem da cidade francesa de Charleville-Mézières, onde existe

*Os espectáculos incluem máquinas e figuras inspiradas na obra do genial pintor Hieronymus Bosch*

o Institut International de la Marionnette e a École Supérieure Nationale des Arts de la Marionnette. É ali que se formam os grandes mestres do teatro de marionetas.

O coreógrafo-bonecreiro crê que seria importante que em Portugal existisse uma escola que desenvolvesse esta arte, cuja execução abrange uma área idêntica a um palco de ópera, mas que entra na magia com muito mais facilidade do ponto de vis-

ta da máquina teatral.

A paixão de José Carlos Barros pelo teatro de marionetas levou-o a fundar em 1985 a companhia *Marionetas de Lisboa*.

Nessa altura, possuía já um espólio considerável de bonecos, pensados e construídos na sua maioria para o repertório dos autores do teatro português. O primeiro





espectáculo teve como estrela o D. Quixote de António José da Silva, exibido na Fundação Gulbenkian.

Desligou-se do projecto um ano depois, ao ser convidado para dirigir o Teatro da Trindade. Terminada a comissão de serviço, quando pensou regressar às *Marionetas de Lisboa*, o projecto era já outro, com um cunho muito próprio e uma forma de actuar que já não se ajustava aos seus conceitos. Resolveu, por isso, fundar outra companhia – *Os Criadores de Imagens* –, com a qual produz espectáculos mais abrangentes, onde as marionetas entram, mas onde entram também máquinas, como as que estão expostas nos jardins do Museu do Te-

atro, inspiradas no imaginário do genial pintor holandês Hieronymus Bosch.

A companhia realiza espectáculos para todos os públicos, dos que são diri-

### Do divino ao profano



O TEATRO de marionetas, teve a sua origem na necessidade do homem representar o divino, ganhando um carácter predominantemente profano ao longo dos tempos. As primeiras representações, baseadas em textos sagrados, são das civilizações egípcia, chinesa e indiana, e intitulavam-se Dramas Sacros.

Depois do Concílio de Trento (1546-1563), as representações com marionetas foram proibidas nas igrejas. Mas isso não impediu a multiplicação da arte e da paixão. Em 1650, a marioneta de luva, ou fantoche, espalhava-se já por toda a Europa, sendo o Polichinelo o personagem mais famoso desse tempo.

### Era uma vez Gil Vicente...

AS MARIONETAS são utilizadas há muito, em Portugal como noutros países, para contar histórias. A ligação entre os bonecos e os contadores de histórias remonta ao tempo de Gil Vicente, fundador do teatro português, e assumiu uma relação muito forte com autores consagrados como António José da Silva, «O Judeu», queimado nas fogueiras da Inquisição. Os textos de um e outro eram (são) propícios à criação e realização de espectáculos de marionetas.

Ao desenvolver uma marioneta, José Carlos Barros começa por efectuar um estudo dramático da personagem, acrescentando alguns pormenores de imagens que lhe ficaram na memória.

Os materiais utilizados no fabrico são vários, dependendo da utilização a que se destina o boneco. A fibra de vidro e os metais são utilizados para as marionetas cuja existência preveja um grande número de representações, enquanto que materiais como o papel e cola são aplicados no fabrico de marionetas mais efémeras.

Existem marionetas de dois tipos: as que são manipuladas de baixo para cima, pelo movimento da mão enfiada numa luva ou da vara que suporta a cabeça do boneco; e as que são manipuladas de cima para baixo, a partir de um varão – na tradição dos bonecos de Santo Aleixo – e



fios, que exigem grande perícia.

As marionetas de varão são as preferidas de José Carlos Barros. O trabalho que mais o marcou do ponto de vista da sensibilidade, criatividade e impacto junto do público, foi o conjunto de marionetas que produziu para a peça *O Grande D. Quixote de la Mancha* e o *Gordo Sancho Pança*, de António José da Silva, «O Judeu».



gidos às crianças, com um espaço cénico e bonecos ajustados ao gosto infantil, às encenações grandiosas, como a *Romagem de Agravados*, de Gil Vicente. Este espectáculo envolve 22 pessoas e máquinas inspiradas no célebre quadro *As Tentações de Santo Antão*, de Bosch, que pertence ao espólio do Museu Nacional de Arte Antiga, nas Janelas Verdes, onde pode ser visto. O resultado é um espectáculo cheio de cor e música, que percorreu já várias cidades do país.

Actualmente, a grande aposta d' *Os Criadores de Imagens* é o Teatro de Rua, que utiliza poucas palavras mas inclui muita acção e música, surpreendendo espectadores de todas as idades.

Teresa Martins, Administradora dos SAS

## “Preconceito do bolseiro já está ultrapassado”

Feliz com o trabalho que tem vindo a realizar à frente dos Serviços de Acção Social do IPL, como Administradora, Teresa Martins fala-nos dos projectos que ainda tem para melhorar o apoio aos estudantes do Politécnico de Lisboa. E assegura que a mudança de mentalidades, operada nos últimos catorze anos, já eliminou o preconceito de ser bolseiro e precisar de ajuda. Apostada em doutorar-se em Comportamento Organizacional, para otimizar a ponta final do seu mandato, a gestora anuncia um novo programa, destinado a inculcar nos estudantes o prazer da vida saudável.

*Textos de Paulo Silveiro • Fotos de José Alexandre*



**POLITECNIA – O que a levou a trocar a direcção da Escola Superior de Comunicação Social pela de Administração dos Serviços de Acção Social?**

**TERESA MARTINS** – Quando a Comissão Instaladora da Escola Superior de Comunicação Social terminou funções, e se desencadeou a eleição do Conselho Directivo, eu já tinha decidido voltar ao meu lugar de origem no Ministério da Educação. O Conselho Científico da Escola ainda me propôs (a mim e ao Dr. Vítor Macieira) a nomeação como professora coordenadora, mas eu recusei. E foi então que o presidente do Instituto Politécnico de Lisboa, dessa altura, Almeida Costa, me desafiou a montar os Serviços de Acção Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

**POL. – Que é que isso tinha de tão aliciante?**

**T. M.** – A oportunidade de criar algo de novo, de raiz. Estávamos em 1993 e ainda nenhum Politécnico possuía esses serviços.

**POL. – E manteve-se no lugar de Administradora até hoje...**

**T. M.** – É. Até costume brincar com



*É preciso perceber os verdadeiros desejos dos estudantes, consultando as associações e trabalhando em conjunto com elas*

o facto, dizendo que fui a pior e a melhor Administradora, uma vez que fui a única. Apesar de já terem passado muitos anos, não sinto o peso do tempo, porque esta é uma actividade muito versátil e criativa, que nos permite manter um contacto muito directo com os estudantes.

Cada ano lectivo é uma renovação, o início de um novo ciclo.

**POL. – Que dificuldades enfrentou para montar estes serviços?**

**T. M.** – Muitas e diversificadas, até porque não tinha experiência nesta área, que podemos considerar comercial. Até aí, os serviços sociais para os estudantes do Instituto Politécnico de Lisboa eram assegurados pela Universidade Nova de Lisboa, pela Universidade Clássica e pelo Instituto Superior Técnico. O problema mais difícil que me foi colocado foi a contratualização dos serviços de refeição. Não era fácil, a uma equipa de três pessoas, pôr a funcionar um serviço de restauração para um número bastante elevado de alunos. Hoje esse tipo de *outsourcing* é vulgar, mas naquela altura isso não existia. Foi difícil organizar um concurso, que requer bastante tecnicidade, para aquela área. Recorri aos conhecimentos da Direcção Regional de Educação, que já realizava esse tipo de serviço, e desenvolvi o procedimento.

**POL. – As áreas de apoio escolar foram mais fáceis?**

## A gestora que acredita na felicidade

TERESA Torres Martins, Administradora dos Serviços de Acção Social do Instituto Politécnico de Lisboa desde 1993, tem 55 anos, duas filhas e um neto. O seu gabinete, no Campus de Benfica, está repleto de fotografias dos filhos dos funcionários nascidos desde que exerce o cargo. Apaixonada pelo Belenenses, gosta de tocar piano e de coleccionar amulhetas. Todos os anos, no Dia Internacional da Mulher, oferece uma prenda às funcionárias, embora não se considere feminista.

Licenciada em Finanças pelo Instituto Superior de Economia, frequentou o Mestrado de Administração e Políticas Públicas do ISCTE e foi auditora do Instituto da Defesa Nacional. Obteve, para além disso, formação específica em Gestão e Informática (Ordem dos Economistas), Administração



Pública e informática, Gestão Pública (INA) e gestão cooperativa (Instituto António Sérgio).

Uma parte da sua carreira foi dedicada à docência. Leccionou Cálculo Financeiro e Organização e Métodos, no Secundário; e Cálculo Financeiro e Estatística, no ISCAL; foi monitora no INA e no IED, e coordenadora do Bacharelato de Gestão

e Marketing nas cidades cabo-verdianas da Praia e Mindelo. Desempenhou, por outro lado, funções de vogal das comissões instaladoras da Escola Superior de Educação de Setúbal e da Escola Superior de Comunicação Social, onde assumiu simultaneamente a vice-presidência do Conselho Científico.

É autora de artigos, estudos e pareceres sobre Gestão Orçamental, realizados nos gabinetes de Estudos e Planeamento e Gestão Financeira do Ministério da Educação; geriu o Projecto de Educação para a Igualdade de Oportunidades financiado pela União Europeia; participou em júris de concursos; organizou seminários e congressos e colaborou na organização e avaliação de cursos do Instituto Superior Politécnico de Macau.

“Aprender e ser feliz” é o seu lema de vida.

**T. M.** – As áreas de apoio social escolar foram igualmente difíceis de implementar. Mas quando existe empenho e as pessoas se sentem motivadas, tudo se simplifica. Com o passar do tempo os Serviços foram crescendo, entrou pessoal para o cálculo das bolsas, que é uma área fundamental para os SAS, e construiu-se a residência Maria Beatriz no Campus do ISEL.

**POL.** – **Sente que o esforço foi devidamente compensado?**

**T. M.** – A minha maior satisfação foi a satisfação dos alunos. Eles apreciaram devidamente a existência de um serviço que centralizava tudo o que anteriormente estava disperso pelas Universidades. Foi importante o papel que as associações de estudantes desempenharam, na interligação com os alunos. Assim como o apoio dos conselhos directivos. Sem a colaboração de todos não teria sido possível montar e desenvolver estes Serviços, de forma a poderem cumprir a sua missão.

**POL.** – **Os Serviços de Acção Social já possuem duas residências, sete unidades alimentares, um campo polidesportivo e apoio médico e social aos estudantes. São serviços suficientes para a dimensão actual do Instituto Politécnico de Lisboa?**

**T. M.** – A questão não é o número de serviços que os SAS possuem, mas as áreas de actuação.

**POL.** – **Está a pensar em quê?**

**T. M.** – No desporto e na cultura, que deveriam ser dinamizadas.

**POL.** – **Falta de financiamento?**

**T. M.** – Não. O verdadeiro problema é não termos adquiridas ainda as sinergias para desenvolvermos as actividades de âmbito desportivo e cultural que os SAS gostariam de ver implementadas. É necessário tempo para negociar a cedência de espaços, piscinas, pavilhões, e inculcar nos estudantes a vontade de praticar essas actividades.

**POL.** – **Há já algum plano em marcha?**

**T. M.** – A nível cultural vamos procurar que os estudantes, alojados nas nossas residências, tenham a oportunidade de conhecer melhor

Lisboa, através de visitas temáticas a museus e exposições. E vamos tentar ajudar os estudantes, noutra área importante que é a saúde, a aprenderem a viver melhor. Os jovens são muito descuidados com eles próprios.

**POL.** – **Que é isso de aprender a viver com saúde?**

**T. M.** – É manter as vacinas em dia, fazer check-up's regularmente, seguir métodos de estudo e praticar uma alimentação saudável.

**POL.** – **A obtenção desses espaços e recursos compete ao Instituto Politécnico de Lisboa ou o caminho a seguir é o da negociação de protocolos com Juntas de Freguesia e outras instituições?**

**T. M.** – Eu partilho a ideia das parcerias, começando por potenciar as que já existem nas áreas geográficas onde as nossas escolas estão localizadas possuem espaços que podem ser utilizados. Terá que existir



*Esta é uma actividade muito versátil e criativa, que nos permite manter um contacto muito directo com os estudantes*

tir uma coordenação com essas entidades, no sentido de encontrar a melhor maneira de servir a população estudantil do Instituto. O importante é perceber, acima de tudo,

quais os verdadeiros desejos dos estudantes, consultando as suas associações e trabalhando em conjunto com elas para a divulgação do que é importante.

**POL.** – **A grande diversidade de ramos de ensino do Instituto Politécnico de Lisboa não complica a tarefa de satisfação dos desejos dos estudantes?**

**T. M.** – Certamente que sim. Um bom exemplo é a alimentação. Nós, nos Serviços de Acção Social do IPL, temos vindo a verificar que os gostos gastronómicos dos estudantes variam de escola para escola. No Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, por exemplo, a preferência vai para os pratos mais substanciais, enquanto que nas escolas artísticas (Dança, Música e Teatro) os pratos com massas são um êxito. Já criámos uma linha de refeições ovolactovegetarianas, na tentativa de diminuir o consumo de carne nas nossas cantinas. O mito de que a comida da cantina não tem qualidade ainda existe, mas já não faz qualquer sentido. Não existem refeições mais seguras do que as que são servidas pelas cantinas das Instituições de Ensino Superior. As normas de higiene são nessas cantinas escrupulosamente seguidas. E são, ao mesmo tempo, o garante da qualidade das refeições que se servem aos estudantes.

**POL.** – **As cantinas do IPL preocupam-se com o problema da obesidade entre os jovens?**

**T. M.** – Não existe uma especial preocupação com a obesidade, mas tentamos que as ementas, propostas pela empresa concessionária e aprovadas pelos SAS, sejam nutricionalmente equilibradas. Elas incluem sopa, um prato e fruta ou sobremesa, podendo ser acompanhadas por uma bebida, que pode ser leite. Há igualmente um grande controlo na distribuição de alimentos fritos. São medidas pouco populares, uma vez que os hábitos alimentares dos estudantes estão fortemente direccionados para uma alimentação pouco saudável.

**POL.** – **Em que consiste o programa da alimentação saudável**



Se as refeições tivessem um custo real, que não ultrapassaria os € 3,50, seria possível investir as verbas poupadas no sector da alimentação em outras rúbricas mais importantes

### **que vai ser lançado no início deste ano lectivo?**

**T. M.** – A ideia é sensibilizar os estudantes para a importância de se saberem alimentar. Quando realizam as suas escolhas, é importante que saibam o que vão ingerir e porque o fazem. Vamos tentar que os estudantes troquem a sobremesa doce por uma peça de fruta, e os refrigerantes por chá ou leite, e passem a considerar a sopa como um alimento essencial. A equipa responsável pelo programa é pluridisciplinar, incluindo os SAS, a empresa concessionária das cantinas, a Escola Superior de Comunicação Social, que é responsável pelo marketing, e a Escola Superior de Tecnologia da Saúde. Vão ser realizadas diversas acções de promoção de estilos de vida mais saudáveis.

### **POL. – As parcerias entre escolas do Politécnico não podem ser alargadas a outras áreas?**

**T. M.** – Podem e já estamos a fazer isso. Mantemos, há já algum tempo, uma estreita colaboração com

a Tecnologia da Saúde, nomeadamente através de estudos e trabalhos nos campos da higienização e análise de ementas, realizados pelos seus estudantes. O problema é a certificação dos resultados. A Escola de Tecnologia da Saúde pode realizar as análises e executar outros trabalhos, mas não está autorizada a certificá-los para o exterior.

### **POL. – Que tipo de alunos procura os benefícios sociais dos SAS?**

**T. M.** – A maioria dos candidatos a bolseiros é da província ou da periferia de Lisboa. Procuram nos Serviços de Acção Social o apoio que lhes permita minimizar os custos que a frequência no Ensino Superior acarreta para as suas famílias.

### **POL. – Há quem peça apoios a que não tem direito?**

**T. M.** – Há. E há alunos de agregados familiares com rendimentos baixos, com graves problemas, que não se expõem. Cabe a estes Serviços fazer o despiste de situações que possam ser menos visíveis.

### **POL. – É frequente a ocultação**

### **de dificuldades por parte dos alunos carenciados?**

**T. M.** – Já não acontece muito. O preconceito de ser bolseiro é assunto que já está praticamente ultrapassado. E isso é muito positivo porque a Acção Social não faz mais do que atribuir, aos estudantes com dificuldades, condições para que possam ter sucesso no percurso académico. É importante que o aluno não se sinta envergonhado nem fragilizado por não ter uma situação financeira confortável. Nós, ao conversarmos com os estudantes e verificarmos a origem dos seus agregados familiares, conseguimos obter elementos que nos fazem ser mais interventivos na atribuição das bolsas. A grande limitação é as bolsas serem atribuídas com base nas declarações fiscais, o que dificulta a comprovação das informações prestadas. Só através de uma entrevista poderemos recolher os elementos essenciais, que nos permitam uma visão mais concreta do agregado familiar do estudante.

**POL. – O número de bolseiros tem aumentado?**

**T. M. –** Não, tem-se mantido numa linha muito regular. O que varia é a sua flutuação entre as escolas do IPL. Tradicionalmente, era a Escola Superior de Educação a que possuía maior número de bolseiros. Actualmente é a Escola de Tecnologia da Saúde.

**POL. – Os alunos estão devidamente informados da existência dos SAS?**

**T. M. –** Há dois anos realizamos um inquérito junto dos que vinham candidatar-se a bolseiros, questionando-os sobre como tinham tido conhecimento da existência dos Serviços. A maioria tinha ouvido falar dos SAS a amigos e familiares, o que vem provar que a circulação da informação mais eficaz é boca em boca.

**POL. – Como fazem normalmente a divulgação?**

**T. M. –** Através de material informativo distribuído nas escolas do IPL. Agora, vamos apostar na Internet com o lançamento on-line dos procedimentos de candidatura a atribuição de benefícios sociais.

**POL. – Acaba de ser lançado um novo sistema de empréstimos aos estudantes do ensino superior. Que lhe parece?**

**T. M. –** Penso que é positivo, na medida em que houve a preocupação dos responsáveis em esclarecer que esta medida não punha em causa o futuro dos Serviços de Acção Social. Esses empréstimos são paralelos às bolsas de estudo.

**POL. – Seria aconselhável fazer mudanças na actual política de acção social escolar?**

**T. M. –** Creio que sim, que seria aconselhável a fazer algumas mudanças, nomeadamente no modo como é fornecido o serviço de refeições aos estudantes do ensino superior. Actualmente qualquer aluno, carenciado ou não, pode tomar uma refeição numa cantina numa instituição de Ensino Superior Público a um preço subsidiado. Eu questiono, tenho dúvidas, se isso é correcto. Tanto mais que o preço de uma refeição subsidiada, que ronda os € 2,10, é equivalente ao preço de

um pequeno-almoço numa qualquer pastelaria. Se as refeições tivessem um custo real, que não ultrapassaria os € 3,50, seria possível investir as verbas poupadas no sector da alimentação em outras rubricas mais importantes. Mas esta é uma questão política que tem que ser analisada com cuidado.

**POL. – Quais são os principais projectos dos SAS para o futuro?**

**T. M. –** Estamos neste momento a



*A ideia é sensibilizar os estudantes para a importância de se saberem alimentar.*

*Quando realizam as suas escolhas, é importante que saibam o que vão ingerir e porque o fazem*

aguardar a publicação do diploma da reestruturação do Ensino Superior para sabermos com o que contamos. Para além do programa da alimentação saudável, estamos a pensar avançar com campanhas de solidariedade junto dos estudantes. Outro projecto interessante, que estamos já a desenvolver com as Juntas de Freguesia, é encontrar famílias que se disponham a receber estudantes deslocados, em troca de pequenos serviços, o que poderá complemen-

tar a oferta de alojamento. E temos mais dois projectos a aguardar autorização: o da nova cantina do Campus do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, cuja construção o Ministério da Ciência e Ensino Superior não considerou ainda oportuna; e a nova residência a construir no terreno cedido pela Câmara da Amadora, também ainda não aprovado pela tutela. O edifício será composto por apartamentos T0, T1 e T2, destinados aos estudantes que retornaram aos estudos depois de terem constituído família, e necessitassem de um espaço que as residências tradicionais não proporcionam. Esses apartamentos poderão ser rentabilizados com o alojamento de docentes, de modo a não estarem desocupados, gerando retorno financeiro.

Outro projecto, ainda sem concurso aberto, é o de um novo edifício, no Campus de Benfica, que acolherá uma nova cantina e a sede dos Serviços de Acção Social. Essa cantina irá, se o projecto vier a ter concretização, servir as Escolas Superiores de Comunicação Social, Educação, Música e as futuras instalações do Instituto Superior de Contabilidade e Administração. O facto de ser um edifício autónomo proporcionará uma oferta diversificada de serviços, com várias hipóteses de restauração e espaços de lazer.

**POL. – Ainda tem aspirações a ocupar mais algum cargo ou vai terminar a sua carreira aqui nos Serviços de Acção Social ?**

**T. M. –** Quando acabar a comissão de serviço nos SAS do Instituto Politécnico de Lisboa, em Julho do próximo ano, gostaria de fazer um doutoramento em Comportamento Organizacional. As organizações são o espelho das pessoas, e uma liderança exercida com prazer e direccionada para o “querer fazer” é muito importante para o sucesso das instituições. A experiência de Administradora dos Serviços de Acção Social proporcionou-me uma riqueza muito grande, em termos profissionais e pessoais. Sinto-me feliz quando os estudantes que apoiámos reconhecem a importância que os serviços tiveram no seu sucesso académico.

Ela é bailarina, coreógrafa, modelo...

## Chamam-lhe Nicenergíe

Com apenas 25 anos, Eunice Freitas é bailarina, coreógrafa, professora de hip hop e modelo. Primeiro licenciou-se em Publicidade, na Escola Superior de Comunicação Social, e agora estuda na Escola Superior de Dança. Assegura que nada a irá impedir de concretizar todos os seus projectos e revela a chave do sucesso: corpo são, em mente sã.

*Textos de Vanessa de Sousa Glória*

NÃO SABE se foi por acaso que escolheu pela segunda vez uma escola do Instituto Politécnico de Lisboa para completar os seus estudos. Da Escola Superior de Comunicação Social, onde há quatro anos tirou os cursos de Publicidade e de Comunicação Empresarial, passou este ano para a Escola Superior de Dança, no Bairro Alto, correndo atrás de uma nova paixão. E agora diz que se quer dedicar por inteiro ao bailado.

Eunice tinha 6 anos quando começou no ballet e nunca mais parou de dançar. Experimentou a Dança Jazz, inspirada na grande música negra, e o Hip Hop, mais reivindicativo, e multiplicou workshops e formação artística.

Uns “quilinhos a mais” na adolescência fizeram-na inscrever-se num ginásio, ao mesmo tempo que frequentava aulas de dança, dedicando diariamente três horas ao exercício físico. E foi a partir daí que começou o culto pelo corpo. Os cuidados com a alimentação são seguidos à risca: evita fritos, come muito peixe e hidratos de carbono e adora massas. Único perigo identificado “os doces”, que gostava de comer menos, mas não consegue.

A criatividade e o prazer de escrever levaram-na a matricular-se na Escola Superior de Comunicação Social. E embora reconheça que não tem lá muito jeito para o desenho, sempre gostou de criar imagens e comunicar com elas. Escolheu aquela, diz com convicção, pela forte componente prática que os cursos têm.





Já entrou em telenovelas, protagonizou campanhas publicitárias e dançou em telediscos

Na pele de copywriter, estagiou nas agências de publicidade Leo Burnett e Bates Red Cell, tendo apreciado a experiência e, sobretudo, a possibilidade de aprender com diretores criativos, reconhecidos

na área. O esforço que essa aprendizagem lhe exigiu revelou-se, felizmente, muito útil, para alterar ideias preconcebidas e corrigir hábitos adquiridos na vida acadêmica.

Durante esse período de estágio

frequentou um curso para instrutores de hip hop e começou a empenhar-se profissionalmente na disciplina. As solicitações para trabalhos em dança não paravam de chegar – masterclass, convites para dar au-





las e fazer espectáculos – enquanto que a publicidade começava a exigir cada vez mais de si. Como criativa, Eunice precisava de estar sempre alerta e os dois amores exigiam-lhe concentração. Com o cerco a apertar, teve de escolher entre a Dança e a Publicidade, o que não foi nada fácil. Chegou a pensar que talvez já fosse tarde para fazer carreira na

dança, mas chegou à conclusão que o importante era ter corpo e mente sãos e que valia a pena lutar.

Uma viagem a Londres, ajudou-a a escolher e decidir. Nos 20 dias que esteve no *Pineapple Dance Studios* e *Dance Works* experimentou diferentes estilos. Conheceu Stuart Thomas, professor de *Contemporary Boggie Jazz* (um estilo de dança,

criado por ele, que alia a dança contemporânea ao jazz), e foi isso que a incentivou a ir para a Escola Superior de Dança. Não esquece, até hoje, o profissionalismo e a amizade de mestre Thomas.

Apesar de estar habituada a praticar exercício físico, os primeiros dias na Escola Superior de Dança foram difíceis. Quando termina as aulas curriculares vai praticar barra no chão, um método anti lesão que a ajuda a aumentar a resistência física.

Às terças, quintas e sábados dá aulas de hip hop a crianças. Embora tenha tido que reduzir a carga horária, não quer perder o contacto com os mais pequenos, porque gosta da energia que sente nas aulas.

Com a vida assim tão preenchida, não lhe sobra muito tempo para os amigos. Mas mesmo assim vai conseguindo ir ao cinema e estar com eles. Diz que o que ganha no dia-a-dia é muito gratificante e lhe dá força para estar concentrada no que está a fazer.

Insatisfeita por natureza, está sempre à procura de mais. Aprendeu na Escola de Dança a disciplinar-se, concentrar-se e aperfeiçoar conhecimentos. E impõe a si própria o dever e a obrigação de se empenhar a cem por cento. E uma outra ideia vibra já na sua cabeça: frequentar o curso de teatro, “quem sabe, talvez nas férias de Verão...”, como diz a sorrir.

## Da MTV aos Da Weasel

EUNICE FREITAS, que já actuou com a personagem Borat e o grupo Gorillaz na Gala de Entrega dos Prémios MTV, que se realizou há dois anos em Lisboa, é uma das bailarinas do videoclip “*Dialectos de Ternura*”, do último álbum dos Da Weasel.

Tornou-se conhecida pelo anúncio televisivo que fez para a Knorr, onde desempenhava o papel de professora de ginástica. No entanto o que mais gosta de fazer na publicidade é ser modelo fotográfico, que isso lhe permite criar personagens recorrendo unicamente à expressão. Já protagonizou campanhas publicitárias para a Multiópticas, Sumol e

Suzuki. E tem feito trabalhos para a agências publicitárias *Figura de Estilo* e *Loft Models*, onde está inscrita na categoria de *Pretty People*. Participou também em séries televisivas e o que mais gozo lhe deu foi interpretar o papel de prostituta, numa figuração especial na novela “*Falame de Amor*” da TVI.

Um dos últimos projectos de Eunice Freitas, que já tem o seu próprio site na Net, é o DVD *Nice Party*, que ajuda os jovens pais na organização e animação das festas de aniversário. Anfitriã deste trabalho, ela inventa jogos e coreografias, que fazem as delícias das crianças.



Paragem cardíaca, o flagelo europeu

## Escola de Tecnologia da Saúde ensina a salvar vidas

A Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa está a promover um curso de Suporte Básico de Vida, destinado a formar pessoas capazes de prestar auxílio em situações de paragem cardíaca. A ideia é contribuir, de forma prática, para a redução do número de mortes por esta causa. O curso segue e aplica as orientações do Conselho Europeu de Ressuscitação, que declarou guerra a este flagelo.

*Textos de Paulo Silveiro*



foto de Sofia Gomes



**O** CORREM actualmente na Europa 700 mil casos de paragem cardíaca por ano, sendo esta a principal causa de morte. Perante estes números, existe uma grande preocupação por parte dos países europeus em divulgar as técnicas de abordagem nas situa-

ções de paragem cardíaca. É neste contexto que a iniciativa da Escola Superior de Tecnologia da Saúde ganha uma grande importância.

Maria do Céu Barreiro e Carlos Gonçalves são os professores do Curso de Cardiopneumologia da Escola Superior de Tecnologia da

Saúde que têm vindo a fazer com que esta instituição do Instituto Politécnico de Lisboa desempenhe um papel importante na divulgação do Algoritmo de Suporte Básico de Vida junto dos cidadãos.

Através dos cursos ministrados na escola pretende-se abranger o maior



Perante o olhar atento da turma Carlos Gonçalves exemplifica uma operação de salvamento

número possível de pessoas, provenientes das mais variadas áreas. O objectivo é levá-las a adquirir os conhecimentos que lhes possibilitem salvar vidas humanas.

A professora Maria do Céu defende que Portugal comece a introduzir estas matérias no Ensino Básico, à semelhança do que aconte-

ce já noutros países europeus, para que as crianças tenham desde cedo a consciência da importância de ajudar outras pessoas. Isso complementará, de forma exemplar, a sua formação cívica.

O curso de Suporte Básico de Vida, de acordo com as orientações do Conselho Europeu de Ressuscitação,

fixadas em 2005, pretende transmitir aos formandos manobras simples e acessíveis a qualquer pessoa, independentemente da sua formação profissional. Isso poderá permitir manter a estabilidade de uma pessoa que fez uma paragem cardio-respiratória, até chegar o socorro clínico adequado.

## Um programa moderno e europeu

O PROGRAMA do curso de Suporte Básico de Vida ministrado na Escola Superior de Tecnologia da Saúde segue as linhas de orientação do Conselho Europeu de Ressuscitação, divulgando o algoritmo de eficácia, através da implementação de competências educacionais, simples de ensinar e de apreender.

Nas aulas estudam-se, logo de início, os dados epidemiológicos das doenças cardiovasculares na Europa e a importância das manobras de reanimação cardio-respiratória básica no contexto de um processo de salvação de vidas humanas.

Os alunos são a seguir postos a par de histórias reais

de reanimação cardio-respiratória, aprendendo métodos de protecção e riscos biológicos da reanimação.

Passa-se depois à explicitação da chamada cadeia de sobrevivência, que começa no exame primário do caso e percorre os procedimentos a executar de suporte básico de vida, no caso de um cidadão adulto. Uma atenção especial é dada às situações particulares, de reanimação de crianças. Aprendem-se ainda métodos de permeabilização e desobstrução das vias aéreas, através de práticas simuladas em manequim.

No final testam-se, obviamente, os conhecimentos adquiridos durante o curso.

## O Anjo Vigilante da Escola



O SENHOR Ramos, como é conhecido na Escola de Tecnologia da Saúde, é um dos homens responsáveis por preservarem a segurança do edifício escolar e das pessoas que o frequentam. As funções que desempenha vão, no entanto, muito para além das de um simples vigilante. Ele tenta ajudar “no que for preciso”. O seu gabinete torna-se por vezes numa espécie de confessionário, aberto ao contacto diário com os alunos, muitas vezes carecidos de desabafar sobre os seus problemas pessoais.

No desempenho da profissão, o lado humano do Senhor Ramos está sempre presente. Há muito que ele

deixou de ser apenas o homem que tem as chaves e verifica as entradas e saídas, para se tornar o ouvinte atento, sempre pronto a ajudar quem precisa. É um verdadeiro *Anjo da Guarda* de todos os que trabalham e estudam na escola.

Foi nessa tentativa de ajudar o próximo que o Senhor Ramos resolveu tirar o curso de Suporte Básico de Vida. E o seu entusiasmo foi tão grande que, com o apoio da direcção da escola, conseguiu convencer a empresa onde trabalha da importância de colocar todos os seus colegas a frequentarem o curso.

Para o vigilante, as funções de

um Segurança não devem resumir-se à fiscalização. Apostado em alterar a imagem que a opinião pública tem dos seguranças em geral, como pessoas que estão ali porque não conseguiram arranjar outro emprego, ele aposta na humanização do desempenho. «É necessário apostar na formação qualificada dos seguranças, e este curso é uma mais-valia, tanto profissional como pessoal» diz.

O Senhor Ramos quer contribuir para que os agentes de segurança, públicos ou privados, sejam pessoas com a qualificação que lhes permitam ser úteis em vários planos, à sociedade.

Embora não existam estatísticas do número de casos de paragem cardíaca em Portugal, a Escola Superior de Tecnologia de Saúde, como estabelecimento de ensino estatal, encara este problema como um caso de saúde pública. Assume, assim, a sua faceta de apoio à comunidade, nas diversas valências dos conhecimentos que ensina.

Para o professor Carlos Gonçalves é importante mostrar ao país que a escola, à semelhança do que fazem a Cruz Vermelha e o INEM, possui um núcleo para realizar formação em massa das manobras de suporte básico de vida. O projecto, iniciado há quatro anos, foi no início unicamente direccionado para os Técnicos de Saúde já licenciados. Abriu-se depois à comuni-

dade, acessível a quantos tenham interesse em frequentar esta formação.

Existe já um protocolo com a Escola Superior de Medicina Dentária, da Universidade de Lisboa, que permite aos estudantes universitários acederem a um curso mais específico de reanimação cardio-respiratória. Actualmente, e devido ao interesse e empenho de um dos seguranças da

# O Acontecimento



foto de Sofia Gomes

Recorrendo a um manequim um dos alunos ensaia as técnicas aprendidas no curso

empresa Palanca, que trabalha na escola, o curso está a ser ministrado a funcionários da empresa.

Os docentes da Escola Superior de Tecnologia da Saúde orgulham-se de fazer parte de uma equipa que ensina técnicas que salvam vidas humanas. E os formandos saem dali com

a certeza de que adquiriram conhecimentos que os valorizam como pessoas e lhes permitem ajudar os seus semelhantes.

«Tivemos recentemente o exemplo de uma aluna nossa que, aplicando os conhecimentos adquiridos na escola, conjuntamente com uma equipa

do INEM, prestou auxílio a um taxista que tinha sofrido uma paragem cardíaca, ajudando a salvar-lhe a vida», conta o professor Carlos Gonçalves. A felicidade da aluna, ao constatar que tinha conseguido utilizar os seus novos conhecimentos de forma eficaz são hoje um troféu colectivo.



foto de Sofia Gomes



foto de Sofia Gomes

Carlos Gonçalves e Maria do Céu Barreiro, os formadores: grandes divulgadores do algoritmo do Suporte Básico de Vida

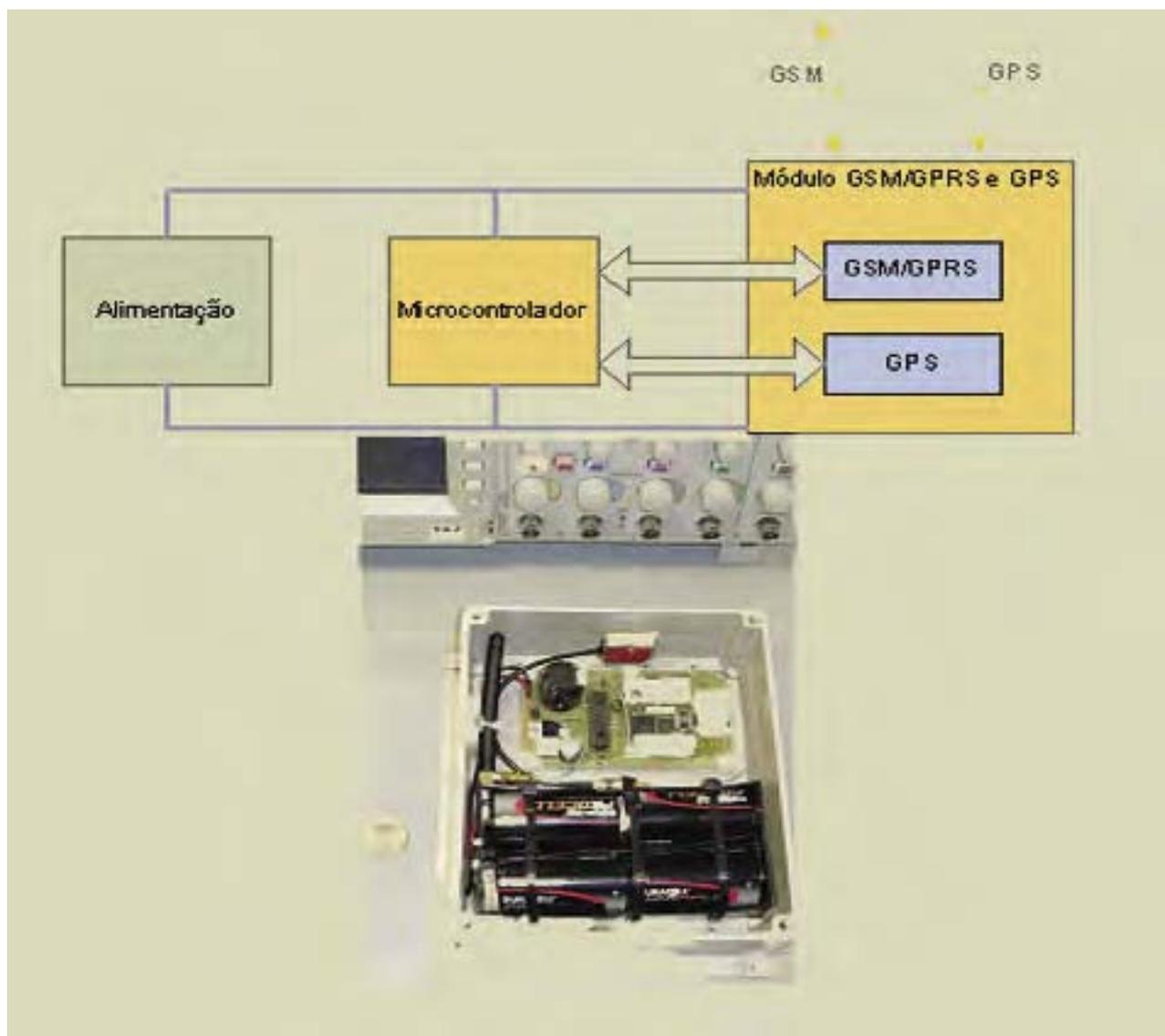
## Modernização do transporte de mercadorias

# ISEL aperfeiçoa gestão do tráfego de contentores

O Departamento de Engenharia de Electrónica e Telecomunicações e de Computadores do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa está a desenvolver uma nova plataforma para a gestão do sistema de transportes inter modais de mercadorias. Conhecida pela sigla P4TMS, a *Platform for Transport Management System* visa localizar e gerir unidades de transporte, como por exemplo contentores.

*Textos de António Serrador, Ricardo Prata, João Assunção e Luís Osório*





**Arquitectura básica e foto do protótipo**

O projecto está a ser desenvolvido pelo ISEL conjuntamente com o núcleo de Infra-estruturas, Sistemas e Políticas de Transportes do Instituto Superior Técnico, a Direcção de Inovação e Tecnologias da Brisa e o Grupo Luís Simões.

Uma vez que as unidades de transportes são desprovidas de

fontes de energia, um dos principais desafios do projecto é criar e desenvolver dispositivos de grande autonomia e baixo custo. Estes dispositivos irão ser capazes de transmitir informação de posicionamento das unidades de transporte para uma plataforma computacional distribuída, onde

são suportados sistemas de gestão tecnológica e de gestão de processos relacionados com o transporte de mercadorias.

O P4TMS está dividido em três grandes áreas, módulos remotos e autónomos, sistema de informação de gestão da plataforma tecnológica e de suporte aos mode-

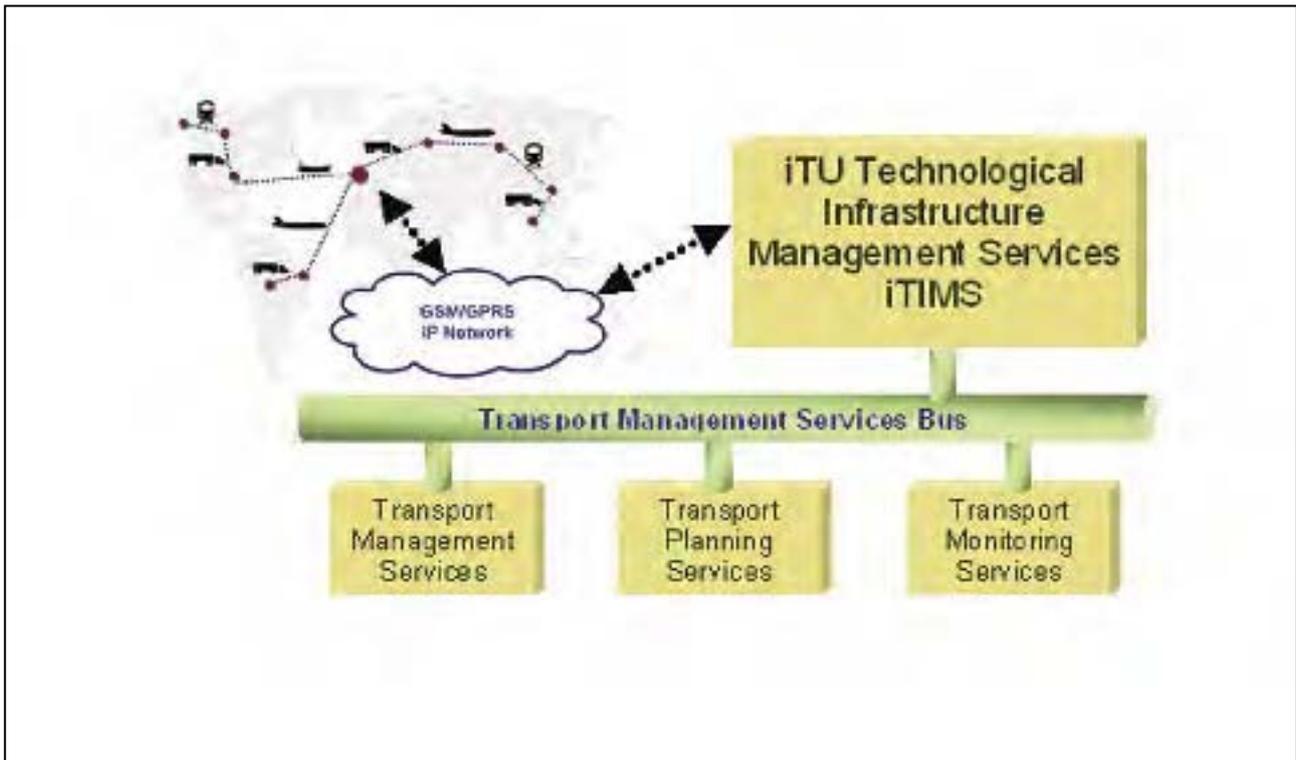
## Finalistas do ISEL envolvidos na investigação

O PROJECTO encontra-se em fase de testes no Grupo Luís Simões, sendo já usado como plataforma tecnológica, onde alguns alunos finalistas da Licenciatura em Engenharia de Electrónica e Telecomunicações e de Computadores, realizam os seus projectos finais.

Estes alunos realizam projectos complementares,

coordenados pelo professor António Serrador, com o suporte do Investigador Ricardo Prata e do bolseiro Rodrigo Jerónimo, contratado especialmente para este projecto.

No futuro a médio prazo, o desenvolvimento do P4TMS irá continuar, demonstrando que os modelos/conceitos estão a ser definidos num ambiente real de implementação.



**Arquitectura do sistema de informação**

los de negócio, sistema dinâmico de definição, criação e adaptação de processos de transporte de mercadorias.

A arquitectura do módulo remoto é a que se apresenta na Figura 1, onde se identificam os módulos de alimentação, controlo, po-

sicionamento (GPS) e comunicações (GSM). A funcionalidade principal deste módulo corresponde ao envio de mensagens de posicionamento e de informação do operador GSM para o sistema de informação, através das quais, é possível estabelecer a localiza-

ção da unidade de transporte.

O sistema de informação baseia-se numa arquitectura orientada aos serviços desenvolvida pelo Grupo de Investigação Aplicada em Tecnologias e Sistemas de Informação que, em parceria com o grupo de investigadores,

## Um desafio muito estimulante

A GÉNESE deste inovador projecto está num outro, com objectivos mais limitados, originalmente destinado a dar resposta a um problema há muito sentido pelas empresas de transportes, que é o de saber como conseguir rastrear a localização de uma unidade de transporte quando esta se encontra em trânsito.

As soluções até agora existentes no mercado não eram satisfatórias. Sobretudo por evidenciarem dois tipos de problemas: serem relativamente dispendiosas e apresentarem níveis de autonomia baixos para este tipo de aplicação. Contas feitas e tudo ponderado, concluíam-se, inevitavelmente, que não estavam adequadas às necessidades de um operador de transportes que quer vigiar electronicamente as suas unidades.

O problema gerou um estimulante desafio de engenharia, que foi apresentado aos professores António Serrador e Fernando Fortes do Grupo de Investigação Electrónica e Sistemas de Telecomunicações do Departamento de Engenharia de Electrónica e Teleco-

municações e de Computadores do ISEL. Resumia-se tudo a uma pergunta, fácil de formular embora difícil de resolver: seria possível criar, projectando-o, um novo dispositivo que garantisse um custo mais baixo e uma autonomia maior?

Aceitando mais este desafio, o grupo de investigadores contratou em finais de 2005 o aluno Ricardo Peres, do 3-4º ano do Curso de Telecomunicações e Electrónica, como bolseiro, para desenvolver o primeiro protótipo. O trabalho arrancou e os primeiros testes realizaram-se em meados de 2006.

O sistema desenvolvido pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa é constituído por: um microcontrolador, um módulo GPS e um módulo GSM (integrados e ultra compactos), sendo estes igualmente de baixo consumo. Projectado para uma autonomia acima de um ano, o protótipo consegue o objectivo de assegurar custos competitivos, de acordo com a consulta feita ao mercado para sistemas semelhantes.

constituem a participação do ISEL neste projecto.

Designa-se por serviço, um conjunto de funcionalidades expostas por uma componente autónoma de software, passível de ser utilizada por outros serviços, sem que estes dependam da forma como se encontram implementados. O conjunto de mecanismos que permite a interacção entre os serviços disponibilizados pela infra-estrutura, assim como a segurança, gestão de transacções, orquestração de processos, entre outros, formam o bus de serviços designado por Transport Management Services Bus.

Uma unidade de transporte (contentor ou outro) que disponha de uma OnBoard Unit é designada por intelligent Transport Unit. Para além da sua localização geográfica, esta disponibiliza a temperatura bem como informação que permite inferir o tempo de vida da alimentação (pilhas).

A componente iTU Technological Infrastructure Management Services (iTIMS) é responsável pelas iTUs, agindo como interme-

diária entre estas e as restantes componentes da arquitectura. Esta componente oferece um conjunto de serviços que permitem a gestão das iTUs (criar, configurar, monitorizar, eliminar), bem como a detecção de desvios em relação a rotas pré definidas.

Utilizando as funcionalidades disponibilizadas pelo iTIMS, a componente Transport Monitoring Services realiza a monitorização das unidades de transporte, através desta componente, os técnicos de manutenção podem ter conhecimento das unidades que apresentem problemas ou que necessitam de substituição das pilhas.

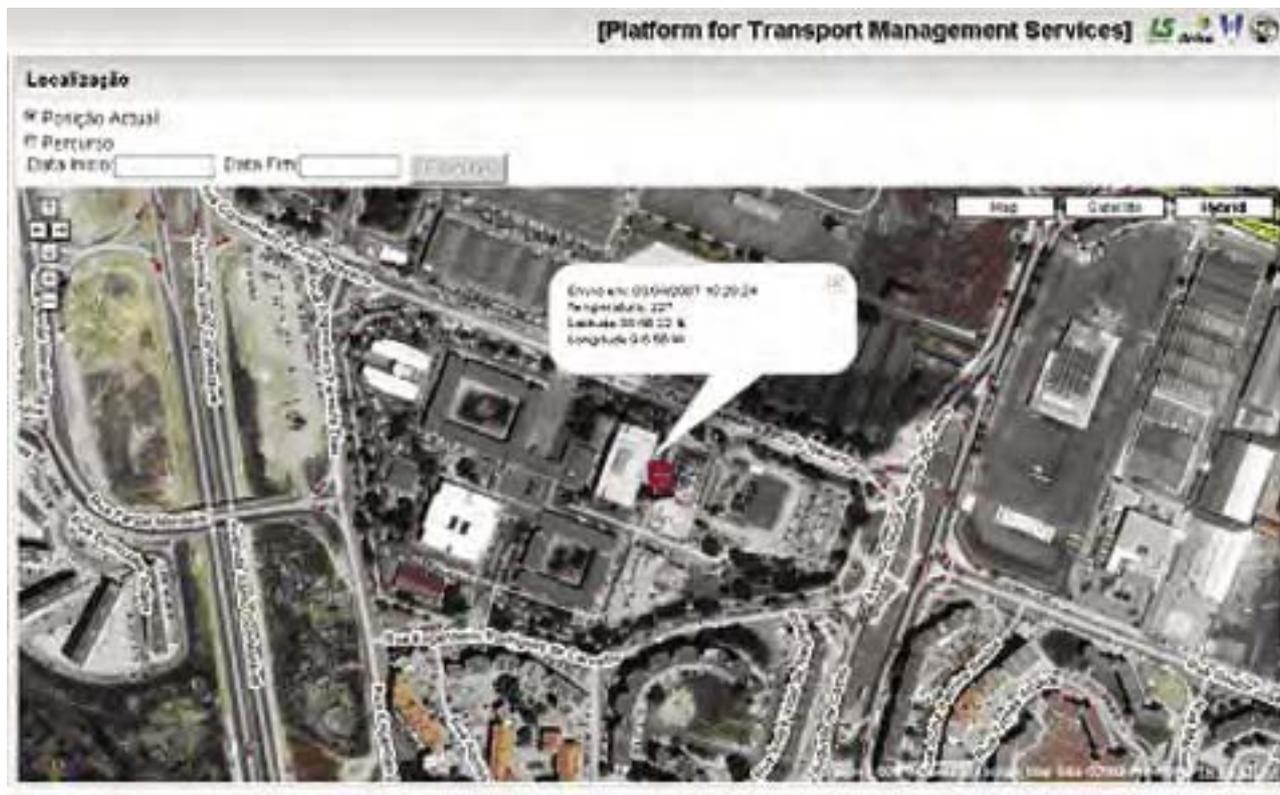
Através da componente Transport Planning Services é efectuada a gestão dos planos de transporte. Esta componente realiza a optimização da utilização dos transportes e responsabiliza-se por efectuar correcções aos planos quando são detectados desvios. Quando tal não é possível de ser realizado automaticamente, são gerados alarmes com vista a notificar os responsáveis.

A gestão logística é realizada

através da componente Transport Management Services, onde são recebidas as ordens dos clientes, emitidas as ordens de transportes e realizada a facturação.

O projecto P4TMS, como já foi referido, é constituído por quatro parceiros: ISEL, Instituto Superior Técnico, Brisa e Grupo Luís Simões. O papel do desenvolvimento da plataforma tecnológica está a cargo do ISEL e a sua industrialização da Brisa.

A participação do Instituto Superior Técnico visa a análise dos processos envolvidos no transporte intermodal de mercadorias, e a identificação e especificação dos requisitos de informação que deverão ser contemplados na plataforma em desenvolvimento. Por último, o Grupo Luís Simões – operador de transporte de mercadorias –, é o parceiro que viabiliza os devidos estudos de análise de processos, ajuda na definição dos requisitos operacionais e funcionais, e é também o parceiro onde são efectuados os testes de campo, ou seja, onde o sistema é testado.



**Aspecto actual do sistema central acessível via Internet**

## Karen Jardel na Comunicação Social

## Futebol de saltos altos

A modelo Karen Ribeiro, ex-mulher do futebolista Mário Jardel, que já posou nua para a capa da edição brasileira da revista *Playboy*, especializada em “mulher pelada”, é aluna do curso de Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social, onde obtém os conhecimentos que lhe permitam tornar-se repórter e comentadora da Sport TV. O canal da TV Cabo tem já tudo a postos para o regresso, este mês de Setembro, do programa *Futebol de Salto Alto*.

Textos de Jorge Silva • Fotos de Tiago Euzébio

KAREN começou por ser conhecida em Portugal como a mulher de Jardel, o craque brasileiro que entusiasmou adeptos, épocas a fio, do Porto e do Sporting, antes de cair em desgraça e descer ao Beira-Mar. Durante o período em que viveu em Portugal Karen foi atraída para o pequeno ecrã pelos responsáveis da Sport TV, apostados em realizar com ela um programa de grande audiência. Depois de se ter divorciado do craque a quem Rui Veloso dedicou em tempos uma canção, e após um período de recolhimento no Brasil, com os filhos, ela resolveu regressar a Portugal e retomar a colaboração com a Sport TV.

E foi então que Karen se inscreveu na Escola Superior de Comunicação Social, para adquirir os conhecimentos que lhe faltavam.

A sex symbol brasileira, que agora frequenta o 1º ano do Curso de Jornalismo, nasceu em Porto Alegre, no Brasil, há 35 anos. Desde pequena que está habituada aos ambientes mediáticos, uma vez que o pai foi director de vários jornais e um dos fundadores da TV Manchete. Os seus primeiros estudos foram na área das Relações Públicas, mas cedo percebeu que não era isso que queria e começou a tirar jornalismo. Em 1995 interrompeu os



estudos, para casar com Mário Jardel, e o casal veio para Portugal em 1996, onde viveu sempre sob o olhar dos Media.

Karen beneficiou bastante da popularidade do “Super-Mário”, que foi o melhor marcador do campeonato português durante cinco das seis épocas em que jogou em Portugal. Depois as suas vidas complicaram-se, Jardel entrou em tratamento psiquiátrico e acabaram por se divorciar no Verão de 2002. E foi quando ela voltou ao Brasil com os dois filhos.

O jornalismo desportivo sempre a fascinou e esse interesse foi crescendo durante o período em que foi *A Mulher de Jardel*, que lhe permitiu conviver com a realidade do futebol. A sua primeira experiência nessa área surgiu no ano 2000, quando fez uma série de programas na Sport TV sob o título *A Karen do Golo* – um deles naturalmente dedicado à vida do marido.

A experiência foi bem sucedida, e após esse programa decidiu apostar na formação tendo frequentado, no Brasil um curso de um ano de Apresentadora do Telejornal. No Verão de 2006 foi convidada para pivot de um programa de televisão sobre a participação do escrete canarinho no Mundial da Alemanha. E foi

nessa altura que decidiu passar a viver em Portugal.

Para continuar os estudos resolveu, depois de se aconselhar com amigos, ingressar no Curso de Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social. Garantiram-lhe – confidencia – que era a melhor opção nesta área de ensino. Hoje, cumprido quase um ano de aulas, confirma a ideia. Diz que as instalações são óptimas, e os professores excelentes.

Em sua opinião, não há grandes diferenças entre os jornalistas brasileiros e portugueses, uma vez que a base de partida é igual em todos os países, assente que está no Direito a Informar e Ser Informado e no Rigor da Informação.

Apesar da aposta no jornalismo desportivo, Karen gostaria de experimentar outras áreas, quer na televisão quer nos jornais. No fundo sente-se ainda uma debutante, a dar os primeiros passos na profissão, e nada melhor do que aprender praticando. A experiência no canal Sport TV tem sido muito importante para ela, por lhe permitir conviver com jornalistas que a ajudam a evoluir, o que complementa a formação obtida nas aulas.

Futebol de Salto Alto, o programa de Karen na Sport TV,

pretende dar a conhecer o outro lado da vida dos futebolistas e das suas famílias. É uma visão diferente do desporto-rei, sob a perspectiva das mulheres dos jogadores de futebol e do seu poder de influência.

Karen sabe, por experiência própria, que as mulheres dos craques têm uma imagem negativa junto da opinião pública. A maioria das pessoas vê nelas umas Barbies que não fazem nada e que vivem à custa dos maridos. Mas, muitas vezes as coisas não são bem assim. Há mulheres de futebolistas com profissões respeitáveis, e outras que gerem a carreira deles com grande sentido de responsabilidade.

Ela assegura que a carreira de futebolista nem sempre é um mar de rosas. Para terem sucesso, eles (e elas, obviamente...) têm de abdicar de muita coisa. A começar pelo facto de eles passarem muito tempo fora de casa, em estágios, treinos, viagens, jogos. O que equivale a dizer que ser esposa de um cromo da bola é ser companheira, mãe e pai – tudo em simultâneo.

No programa de Karen mostra-se a família que está por detrás da estrela, que o apoia e lhe dá a estabilidade emocional de que carece para render ao mais alto nível.



## IV Simpósio Internacional em Lisboa

# Relações Públicas aproximam estudantes das empresas

Aproximar o mundo empresarial do universo académico, juntando profissionais reputados a nível internacional com jovens estudantes portugueses promissores foi o objectivo do IV Simpósio Internacional sobre Comunicação Corporativa Global, que reuniu na Escola Superior de Comunicação Social, em Lisboa, de 27 a 30 de Junho. A síntese, que explica bem a estratégia, é de João Duarte, docente da ESCS e um dos organizadores do evento.



ORGANIZADO pelo Instituto Politécnico de Lisboa e pela Escola Superior de Comunicação Social, o encontro de Lisboa juntou Wolf Zumpfort, Toni Muzi Falconi, Gregory Payne e Martins Lampreia, que figuram entre as maiores re-

ferências na área das Relações Públicas a nível mundial. “O Contributo das Relações Públicas para a Democracia” era o tema de fundo, que atraiu numerosos estudantes de comunicação.

Neste IV Simpósio Internacio-

nal sobre Comunicação Corporativa Global, que se insere no projecto Global Communications, os estudantes de Relações Públicas organizaram-se em equipas de trabalho internacionais, com o objectivo de resolver um caso de

Comunicação Corporativa Global.

Entre as melhores propostas apresentadas na edição de 2007 encontram-se trabalhos de alguns alunos da ESCS. Para Mafalda Eiró Gomes, directora do Departamento de Comunicação Organizacional da ESCS, a relevância deste evento para a Escola é elevada: “No momento em que se abre o primeiro mestrado em Gestão Estratégica das Relações Públicas, é importante apercebermo-nos, neste confronto internacional, de que os nossos alunos estão ao nível dos estudantes das melhores escolas internacionais.”

“Graças ao excelente posicionamento do curso de Relações Públicas e Comunicação Empresarial em termos internacionais,



Volker Stoltz no Salão Nobre do IPL entre Fernando Otero e Mafalda Eiró-Gomes

tornou-se possível acolher em Portugal um dos projectos mais relevantes na área”, afirma Mafal-

da Eiró Gomes, referindo-se ao facto de o evento decorrer pela primeira vez em Lisboa.

## Fernando Otero no V Encontro FISEC



O VICE-PRESIDENTE do IPL, Dr. Fernando Otero, na sua qualidade de representante de Portugal na Junta Directiva do Fórum Iberoamericano de Estratégias de Comunicação (FISEC), participou no V encontro daquela organização, que teve como tema “Navegando rumo ao futuro - as coordenadas da nova teoria estratégica”.

Esta prestigiada organização, que existe há cinco anos e é presidida pelo académico espanhol Rafael Alberto Pérez, Universidade Complutense de Madrid, integra cerca de 257 membros, oriundos de 16 países da Comunidade Ibero-americana.

O encontro, que se realizou entre 12 e 14 de Setembro na Escola Superior de Gestão Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve é um dos eventos anuais mais importantes na discussão das estratégias de comu-

nicação. O seu principal objectivo é o intercâmbio e a discussão entre académicos, profissionais do mundo empresarial, representantes de administrações públicas e profissionais dos meios de comunicação, dos 22 países da Comunidade de Estados Ibero-americanos e de outros países, que queiram participar neste debate. O enfoque do encontro foi antecipado pelo presidente do FISEC, quando afirmou que os desafios sociais e os avanços tecnológicos fazem com que a nova teoria estratégica, em que se encontram a trabalhar, seja não só possível como também necessária.

O encontro, que foi coordenado pelos Professores Doutores Rafael Alberto Pérez da Universidade Complutense de Madrid e Francisco Serra da Universidade do Algarve, contou com dois convidados de grande nome internacional. O Professor Doutor Constantin von Barloewen um dos mais reputados antropólogos da actualidade, professor de Antropologia e Ciência Cultural Comparada e Director Académico para o Diálogo entre Culturas e Civilizações, Schloss Neuhausen Foundation, Berlim, e membro do Conselho Consultivo da Academia de Havard, Universidade



Fernando Otero

de Havard. E o Professor Doutor Silvano Tabliagambe, Catedrático de História da Ciência, da Universidade de Sassari, Itália.

O Dr. Fernando Otero foi o moderador do painel “Estratégias de Comunicação Política: Novos Modelos”, deste V encontro do FISEC, no qual os participantes procuraram reflectir sobre o trabalho efectuado nos cinco anos de existência da organização, e debater as novas teorias estratégicas.

## O poder da publicidade

# Comportamento dos consumidores debatido por especialistas em Lisboa

O comportamento do consumidor perante os anúncios trazidos pelos *Media* esteve no centro dos debates da 6ª Conferência Internacional de Investigação em Publicidade, realizada na Escola Superior de Comunicação Social, a 29 e 30 de Junho, com a participação de 100 especialistas e estudiosos de 19 países.



A mesa que presidiu à conferência, vendo-se da esquerda para a direita, Peter Neijens, Francisco Costa Pereira, Susana Carvalho (presidente da Associação Portuguesa das Agências de Publicidade) e Jorge Veríssimo

FOI a primeira vez que Portugal acolheu a conferência da European Advertising Academy, realizada em parceria com o Instituto Politécnico de Lisboa. O objectivo da reunião era perceber e explicar, segundo o professor Jorge Veríssimo, que organizou o evento em parceria com o seu colega Francisco Costa Pereira, “como a publicidade trabalha na mente das pessoas”.

Consolidar a formação dos investigadores na área da publicidade era a meta a atingir pelo encontro de Lisboa, que reuniu professores universitários e profissionais do mercado da

publicidade, registando o maior fluxo de participantes desde a sua criação, em 2002, em Copenhaga.

Para Jorge Veríssimo, o contacto com especialistas, reconhecidos a nível internacional, pode ajudar na criação de uma “rede de relações”. E pode contribuir também, em sua opinião, para a identificação de “linhas de investigação que poderão ser desenvolvidas nos mestrados” a leccionar na ESCS a partir do próximo ano. À semelhança do que se faz noutros países, a intenção é ainda investir na investigação aplicada.

A oportunidade de realizar a conferência numa escola do IPL surgiu depois da passagem de dois docentes da ESCS, em 2005, na quarta edição desta conferência, em que mostraram o trabalho que se faz na Escola: “Gostaram do nosso trabalho e perguntaram-nos se, daí a dois anos, o evento podia ser realizado em Portugal”, lembra Veríssimo.

As melhores comunicações apresentadas no encontro de Lisboa serão publicadas em livro, até final do ano, pela Escola Superior de Comunicação Social.

## Rede Temática “Polifonia”

# Bruxelas reconhece qualidade da Escola Superior de Música

A rede Temática “Polifonia”, onde a Escola Superior de Música de Lisboa desempenha um papel activo e importante, foi considerada pela Comissão Europeia uma das 24 Histórias de sucesso Erasmus. A rede é coordenada pela Associação Europeia dos Conservatórios.

ESTE reconhecimento de Bruxelas é tanto mais importante quanto é certo ser a estrutura que integra a escola portuguesa uma das duas únicas redes temáticas abrangidas por esta distinção.

A Escola de Música do Instituto Politécnico de Lisboa vê assim premiado o seu trabalho ao nível da cooperação internacional, no desenvolvimento do ensino da música.

No âmbito da Rede Polifonia foram constituídos quatro grupos de trabalho para o período 2004-2007. A Escola Superior de Música de Lisboa está representada no Grupo *Tuning*, que define as metas da aprendizagem (“learning outcomes”) para os 1º e 2º ciclos, na área da música.

Interessante é ainda o facto de um ex-aluno da Escola Superior de Música de Lisboa, Rui Fernandes, já diplomado, fazer parte do grupo que investiga as profissões musicais, as tendências actuais do mundo do trabalho e a forma como as instituições formadoras estão a adaptar-se às mudanças. Rui Fernandes é, de resto, representante neste grupo de trabalho da Federação Internacional de Músicos.

Criada em 1983, a Escola Superior de Música de Lisboa é herdeira do Conservatório Nacional tendo sido integrada em 1985 no Instituto Politécnico de Lisboa. A par da actividade lectiva a escola adopta uma política de aproximação à comunidade, promovendo



Cristina Brito da Cruz, representante da ESML na rede temática “Polifonia”

concertos, audições, conferências e seminários nas suas instalações e em espaços públicos.

No capítulo das relações internacionais a escola participa em vários projectos, nas áreas artísticas, pedagógicas e científicas relevantes para a sua acção de formação

de futuros músicos. Em Dezembro do ano passado foi mesmo convidada a participar, através da sua então directora, Cremilde Rosado Fernandes, na 1ª Maratona Scarlati, integrada nas comemorações do 250º aniversário da morte do famoso compositor barroco italiano.

## Protocolo de Cooperação com o IED

### IPL apoia universidades lusófonas

O presidente do Instituto Politécnico de Lisboa, Vicente Ferreira, e o presidente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), João Cravinho, assinaram um protocolo de cooperação que abre caminho à cooperação com os países africanos lusófonos, a começar pela Universidade Técnica de Angola.



O representante de Angola, João Cravinho e o presidente do Politécnico na cerimónia de assinatura do Protocolo

AS DUAS instituições portuguesas comprometem-se, na base deste entendimento, a estruturar um programa de acção ao nível do Ensino Superior, em áreas tecnológicas, destinado ao universo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

As instituições de ensino superior dos países lusófonos necessitam de apoio, sobretudo nas áreas de formação de docentes, organização da biblioteca e fundo documental e funcionamento dos sistemas informáticos.

Para observar directamente as potencialidades da oferta do Instituto Politécnico de Lisboa, esteve recentemente em Portugal uma delegação da Universidade Técnica de Angola, e, pouco tempo depois, uma delegação do IPL deslocou-se, com

idêntico objectivo, a Luanda.

O presidente do IED, João Cravinho, angolano de origem, que agora administra também o Banco Europeu

de Reconstrução e Desenvolvimento considera este protocolo inovador e capaz de ajudar a mudar o futuro daqueles países africanos



A delegação Angolana na visita à Escola Superior de Tecnologia da Saúde

## Ensino de Engenharia

# ISEL organizou em Lisboa 1º Encontro Internacional

O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa teve o privilégio de acolher, nas suas instalações, o 1º Encontro Internacional de Ensino da Engenharia. A iniciativa, pioneira, contou na sua organização com o apoio do Instituto Politécnico de Setúbal.

MEMBRO activo e interveniente da Associação Ibero-Americana das Instituições de Ensino da Engenharia, o Instituto Superior de Engenharia está, a contribuir, com este tipo de iniciativas, de forma exemplar, para a discussão e a troca de ideias entre as individualidades de diferentes países da América Latina e da Península Ibérica.

O encontro foi apoiado pela Associação Ibero-americana que procura, com este tipo de iniciativas, promover o debate internacional em torno da engenharia. As sessões de trabalho contaram com a presença do Bastonário da Ordem dos Engenheiros, Fernando Santo; do Presidente da Associação Nacional dos Engenheiros Técnicos, Augusto Guedes; e de Pedro Lourtie, do Instituto Superior Técnico. Estiveram em discussão as questões da formação, reconhecimento de competências, avaliação e acreditação, cooperação internacional e ligações empresariais.

A Associação Ibero-Americana é uma organização não governamental, sediada em Bogotá na Colômbia e com um raio de acção que abrange a generalidade dos países Ibero Americanos. Os seus principais objectivos são: promover a cooperação do intercâmbio entre as instituições de ensino superior na área da engenharia, estimular a troca de experiências e a investigação entre os docentes dos vários países e estabelecer pontos entre todas essas instituições e a sociedade civil. A organização acompanha ainda, com grande atenção os processos do reconhecimento internacional dos títulos profissionais.



## Actas do Congresso Euprera marcam regresso da “Alicerces”

A publicação das Actas do Congresso Europeu de Relações Públicas, Euprera-2005, realizado na Escola Superior de Comunicação Social, em Lisboa, em Novembro daquele ano, ocupa integralmente o número de estreia da nova série da revista “Alicerces”.

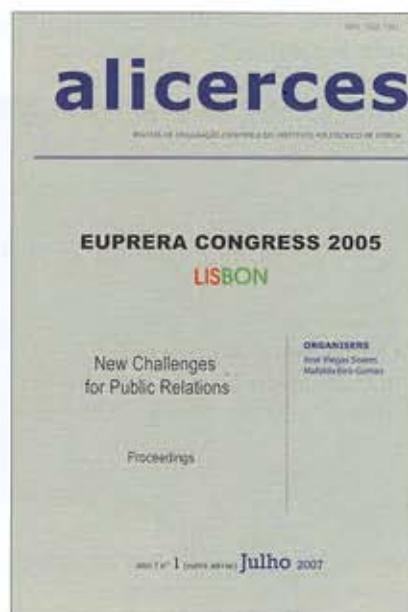
PUBLICADA integralmente em inglês, a edição que marca o relançamento da “Alicerces”, é dedicada aos novos desafios das Relações Públicas – New Challenges for Public Relations – tema do Congresso Euprera de há dois anos, que reuniu no Instituto Politécnico de Lisboa docentes, investigadores profissionais e doutorandos de 60 países. A coordenação científica é assumida, desta vez, pelos organizadores do Congresso: José Viegas Soares e Mafalda Eiró-Gomes.

A “Alicerces” é a revista de divulgação científica do Instituto Politécnico de Lisboa, especialmente vocacionada para a publicação de estudos e trabalhos académicos de docentes dos dois Institutos e das seis Escolas Superiores do IPL, em seis áreas de conhecimento: Artes, Comunicação, Educação, Engenharia, Gestão e Saúde.

A revista será publicada semestralmente, em português, espanhol ou inglês, o que fará com que o n.º



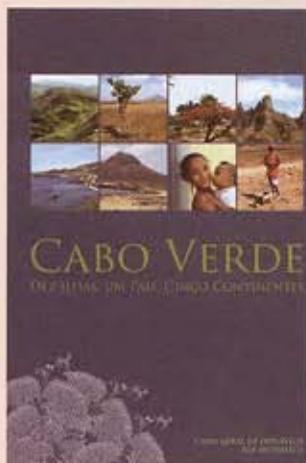
O professor José Viegas Soares presidiu ao Congresso EUPRERA de Lisboa



2 desta nova série coincida com a celebração do 22.º aniversário do IPL, a 30 de Janeiro de 2008. De acordo com o Estatuto Editorial, elege como seus os princípios do rigor e honestidade, estando aber-

ta à colaboração de investigadores, nacionais e estrangeiros de reconhecido mérito, com contributos importantes a partilhar, nos diversos domínios do saber académico, científico e profissional.

### Cabo Verde de A e Z



INTITULADO «Cabo Verde: dez ilhas, um

país, cinco continentes», acaba de ser editado um interessante guia sobre aquele país lusófono, repleto de informações úteis a quem o quiser estudar ou apenas conhecer ou, num outro plano, com ele se quiser relacionar. O livro, com uma tiragem de 2.000 exemplares, foi elaborado pela Mediateca da Caixa Geral de Depósitos e editado por aquele banco público.

A obra, extremamente valiosa não apenas para os investidores mas, também, para os

estudantes, professores e investigadores, reúne numerosos dados sobre o país – da História e população à legislação em vigor, passando pela geografia, clima, flora e fauna, moeda, recursos, língua e cultura e organização política. Ali se explicita a estrutura económica de Cabo Verde, os sectores de actividade e sua evolução; as principais carências de desenvolvimento da sociedade, o papel da cooperação internacional e as potencialidades e desafios

estratégicos do futuro.

Ao longo das suas 214 páginas ilustradas «Cabo Verde: dez ilhas, um país, cinco continentes» com fotografias a cores de Miguel Afonso e Fernando Sabino, se disponibilizam ainda informações sobre agricultura, pesca, indústria, água e saneamento básico, energia eléctrica, transportes e comunicações, turismo, educação e saúde, referências bibliográficas em vários sectores; e ainda um conjunto de endereços úteis.



## O Ensino Superior contra a droga

Um importante estudo sobre a prevenção das Toxicodependências no Ensino Superior está já disponível no mercado, numa edição conjunta do Instituto Politécnico de Beja e da Universidade de Huelva, a que se associou a Universidade do Algarve. É o resultado do projecto de investigação aplicada, *Stopdrog@s*.

O PROJECTO de investigação aplicada *Stopdrog@s* foi criado com o objectivo principal de sensibilizar a comunidade académica para a prevenção do consumo de drogas nos meios estudantis.

O estudo, realizado por uma equipa de doze investigadores, dirigidos por M<sup>a</sup>. Amor Pérez Rodríguez e Armando Veja Fuente, começa por enumerar as políticas institucionais de combate ao consumo de drogas na União Europeia, acrescentando-lhes estatísticas sobre os consumos preferenciais dos jovens. Do álcool à cannabis e outras drogas, passando pelo tabaco, ali se assinalam as tendências que se foram gerando nos últimos anos.

Explicitado o panorama europeu, a investigação centra-se depois na realidade actual dos dois países ibéricos, Portugal e Espanha, procurando explicação para o aumento que se verifica nos consumos e a sensibilidade social ao fenómeno. Alentejo, Algarve, Andaluzia e Huelva são os



"laboratórios" escolhidos.

Os investigadores tentam depois caracterizar a relação dos jovens com as drogas, reunindo testemunhos de consumidores e não consumidores. A abordagem é complementada por uma recolha de dados sobre a saúde e, ainda, as relações perigosas entre

o consumo das substâncias e do álcool com os acidentes de viação.

O consumo das drogas nos estabelecimentos de ensino superior, bem como a percepção que os centros de educação superior possuem sobre o tema ocupa integralmente o quarto capítulo do livro. Ali se analisam os factores de risco e se ensaiam explicações sobre a cultura do álcool entre os estudantes universitários.

O livro termina com referências à necessidade de fomentar uma universidade saudável, ampliando as políticas de prevenção já existentes e lançando outras. Da equipa de investigadores portugueses e espanhóis, fazem parte José Ignacio Aguaded Gómez, Juan Manuel Méndez Garrido, Manuel Monescillo Palomo, Ramón Tirado Morueta, Ángel Boza Carreño, Dolores Guzmán Franco, Maria de la O Toscano Cruz, Maria Cristina Campos de Sousa Faria, Sónia Carvalho, Eusébio Pacheco, Jorge Malveiro, Célia do Carmo Chamorro.

Uma obra a não perder.

### Audiências TV em análise



A NOVA edição da revista *Comunicação Pública*,

um volume duplo, constituído por dez artigos que desenvolvem questões ligadas às audiências televisivas, às novas tecnologias e ao marketing, está já disponível nas livrarias.

Destinada à publicação de trabalhos de investigação, ensaios teóricos e notas críticas, a revista da Escola Superior de Comunicação Social consolida, com estes números três e quatro, o trabalho deste projecto editorial de raiz multidisciplinar. Com boa aceitação no mercado editorial, a *Comunicação Pública* dá agora um passo importante:

"Chegámos a acordo com a editora Sílabo e vamos ter uma distribuição mais consistente nas livrarias", avança Orlando Gomes, coordenador editorial.

Para este docente, a revista permite "aos professores da ESCS divulgarem o seu trabalho mas também funciona como uma plataforma para pessoas de fora apresentarem os seus estudos". A abertura da revista a investigadores externos à Escola, é um factor em que a publicação pretende apostar. "Penso que é um campo onde a revista poderá crescer nos próximos

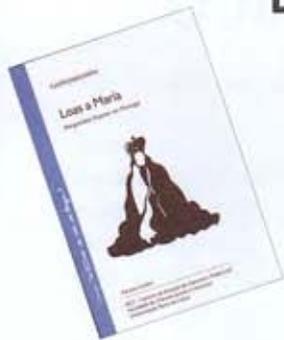
números", afirma António Belo, director da revista e presidente da ESCS.

O próximo volume, previsto para o final do ano, terá o contributo de um autor espanhol, contando com a habitual participação dos docentes da ESCS.

Após a publicação dos dois primeiros números, o director da revista faz um balanço positivo e salienta "a qualidade dos diversos artigos que têm sido publicados". Para António Belo, a revista aposta na "cobertura de vários campos do saber", o que coloca num plano de grande interesse científico.

## Docente da Comunicação Social editada em Espanha

Foi recentemente editado em Espanha o livro “Loas a María – Religiosidad popular en Portugal”, da autoria de Lucília José Justino, professora adjunta da Escola Superior de Comunicação Social. A obra foi lançada em Badajoz, em cerimónia muito participada por académicos e investigadores dos dois países ibéricos.



“Loas a Maria – religiosidad popular en Portugal” é o resultado de uma investigação académica, seguida de recolha, sobre canções populares de louvor a Nossa Senhora, do século XVIII até aos nossos dias. O estudo centra-se, naturalmente, na análise literária e interpretativa dos textos.

Esta edição da Colibri, apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, foi lançada na cidade fronteiriça de Badajoz. Foi traduzida por Anabela Gonçalves e revista por Eduardo Encabo Fernández. Assinam o (triplo) prefácio Ana Paula Guimarães, Teresa Rita Lopes e Eloy Martos Nunez, tendo a edição ainda um posfácio da autoria de Moisés Espírito Santo.

A obra já tinha sido editada em português em Outubro de 2004, pela mesma editora, na sequência da atribuição a Lucília José Justino do prémio de melhor tese de mestrado apresentada em 2002 na Faculdade



A professora portuguesa, durante a apresentação da obra, em Badajoz

de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.

Lucília José Justino é doutorada em Românicas pela Universidade Nova de Lisboa. Foi bolsreira da Fundação Gulbenkian e do Goethe Ins-

titute, em Berlim; do British Council, nas Universidades de Nottingham, Aberdeen; na Bell School of Bath e da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, na Universidade do Alabama.

### A imigração em debate



A FUNDAÇÃO Gulbenkian acaba de lançar, numa edi-

ção da Principia, o livro “Imigração: Oportunidade ou Ameaça?”, que colige os estudos e recomendações do Fórum Gulbenkian Emigração, que reuniu durante um ano, em sessões públicas e *workshops*, especialistas e estudiosos da matéria. Fomentar o desenvolvimento de uma reflexão e de um debate aprofundado sobre a imigração e a sua relevância, em termos de oportunidade para a sociedade portuguesa, foi o objectivo.

O debate levou devidamente em conta as posições das Nações Unidas e da União Europeia sobre migra-

ções e integração; as diferentes sensibilidades sobre a admissão de imigrantes e a sua integração nas sociedades de acolhimento; o papel das diásporas na ajuda ao desenvolvimento dos países de origem e o papel das Fundações na procura de novas soluções. Os investigadores revelaram, assim, uma preocupação permanente em acompanhar de perto à agenda internacional sobre esta matéria.

As atenções centram-se, aqui, sobre três pontos: a gestão dos fluxos migratórios e correspondentes políticas de entrada no país;

o acolhimento e os desafios de integração; e a ligação entre a imigração e o desenvolvimento dos países de origem dos imigrantes.

O livro apresenta um conjunto de recomendações, dirigidas a entidades públicas e privadas, imigrantes e associações da sociedade civil.

Os trabalhos foram coordenados por António Vitorino, e a equipa de investigadores inclui David Justino, Fernando Luís Machado, João Peixoto, Pedro Catarino, Rui Pena Pires, Paula Teixeira da Cruz e Maria Lucinda Fonseca.

# O RJIES e o Ensino Politécnico

Refere o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) que o ensino universitário oferece “formações científicas sólidas, juntando esforços e competências de unidades de ensino e investigação”, e o politécnico “formações vocacionais e formações técnicas avançadas, orientadas profissionalmente”. Continuam, pois, as diferenças dos dois subsistemas a centrar-se nos objectivos para os seus formandos. Para atingir estes objectivos o RJIES preconiza que as Universidades são “instituições de alto nível orientadas para a criação, transmissão e difusão da cultura, do saber e da ciência e tecnologia, através da articulação do estudo, do ensino, da investigação e do desenvolvimento experimental”, enquanto os politécnicos são “instituições de alto nível orientadas para a criação, transmissão e difusão da cultura, do saber de natureza profissional, através da articulação do estudo, do ensino, da investigação orientada e do desenvolvimento experimental”.

Comparando estas duas definições apenas se encontram três diferenças: o saber de natureza profissional, e a investigação orientada nos politécnicos, e a ciência e tecnologia nas universidades. Confesso sentir alguma dificuldade em compreender estas diferenças, já que, por um lado, não é definido o conceito de “investigação orientada”, e, por outro lado, dado que um dos objectivos das reformulações decorrentes das adequações ao processo de Bolonha era promover a empregabilidade dos diplomados, não entendo como será possível excluir das universidades o saber de natureza profissional e dos politécnicos a ciência e tecnologia.

Parece-me que todas estas novas definições baseadas em diferenciações semânticas continuarão a ter pouca utilidade, pois não serão consideradas. Tudo permanecerá igual, independentemente dos seus objectivos e dos seus métodos pedagógicos: as licenciaturas das



António Belo \*

*A necessidade de 35% de especialistas, metade com actividade profissional na área, torna o corpo docente dos politécnicos mais exigente do que nas universidades*

Escolas e Institutos do Politécnico serão ensino politécnico, e as licenciaturas das Faculdades e Institutos das Universidades serão universitárias. Ou alguém acredita que alguma Licenciatura de Medicina, em que, claramente, se tem “formações vocacionais e formações técnicas avançadas, orientadas profissionalmente”, e onde leccionam alguns dos maiores especialistas, passará a ensino Politécnico?

Já no que diz respeito aos requisitos relativos ao corpo docente, devo dizer que fiquei bastante agradado com o grau de exigência definido para o ensino politécnico: um doutor ou especialista por cada trinta alunos. Apesar de ainda não estar definida a forma de concessão do título de especialista, refere o RJIES que este comprovará “a qualidade e especial relevância do currículo profissional numa determinada área”, pelo que a sua inclusão no corpo docente dos politécnicos contribuirá para um enriquecimento da formação aí ministra-

da. Aliás, a necessidade de um mínimo de 35% de especialistas, metade dos quais deverá desenvolver simultaneamente actividade profissional na área em que lhe foi atribuído o título, obriga a que a constituição do corpo docente dos politécnicos seja mais exigente do que nas universidades. A inclusão dos Especialistas no corpo docente do politécnico é extensível aos seus conselhos técnico-científicos, condição responsável pela alteração no nome deste órgão (pelo menos não encontro qualquer outra diferença face aos conselhos científicos nas universidades). Tendo em conta a, já referida, promoção da empregabilidade dos diplomados do ensino superior, faria todo o sentido que este título de Especialista não fosse atribuído apenas no âmbito do ensino politécnico, pois também as Universidades teriam a ganhar com esta abertura.

Como conclusão, penso que o RJIES pode vir a revelar-se positivo para o ensino politécnico, já que veio confirmar aquele que tem sido o percurso de vários politécnicos, apostando num corpo docente que junta professores de carreira académica e professores especialistas, provenientes da actividade profissional nas áreas das respectivas licenciaturas, de modo a proporcionar aos seus alunos um ensino de elevada qualidade e potenciar a sua empregabilidade.

Não gostaria de terminar sem deixar uma nota relativa ao futuro estatuto da carreira docente. Atendendo a que, por um lado, o sucesso do ensino politécnico, expresso através do seu crescimento (este ano representa já cerca de 45% das vagas no ensino superior), resulta em muito do convívio entre “académicos” e “profissionais”, e, por outro lado, não há uma grande diferenciação entre os dois subsistemas, penso que o novo estatuto deveria ser igual nos dois subsistemas, permitindo também a existência de professores especialistas no ensino universitário.

\* Presidente do Conselho Directivo da Esc. Sup. de Comunicação Social